

**De uma noite
de festa**

Joaquim Cardozo

**De uma noite
de festa**

Sumário

Prefácio

Personagens

Primeiro quadro

Segundo quadro

Terceiro quadro

Prefácio

No Bumba-meu-boi: De uma noite de festa, exponho este gênero de teatro de tal maneira que muito se afasta do “Boi” na sua expressão popular; nele deixei de obedecer às modificações que, do gênero, fez a interpretação folclórica, mas procurei reorganizá-lo como poderia ser na sua origem.

O “Bumba meu boi” é um gênero misto de teatro paralitúrgico e profano como os que existiam no fim da Idade Média; para mostrar a associação admitida acima basta aludir ao “cavalo marinho” que é o mesmo “cheval jupon” de *Aucassin et Nicolette*, *Jeu de Robin et Marion* e outros (na França); o mesmo *Hobbyhorse* das *Morris Dances* dos *Miracles* ingleses; o mesmo Lavkönig que ainda hoje dança nas feiras de Cracóvia.

Além do “cavalo marinho”, a figura do arlequim faz lembrar a de *Harlequin*, do *Jeu de la Feuillée*, não vindo assim da “Comédia Italiana”, nem, tão pouco, da que lhe corresponde na Espanha de Felipe IV, isto é, a “Comédia de repente”.

A associação, porém, mais decisiva, é a que se encontra no confronto da toada da Pastorinha (personagem que não figura neste “Boi”), entre o Capitão (montado no Cavalo Marinho) e a Pastorinha, com o diálogo entre o Cavaleiro (montado num *cheval jupon*) e Marion, namorada de Robin, no *Jeu de Robin et Marion*, de Adam de la Halle:

Capitão: Dizei-me, Pastora,
Queres vir comigo?

.....

Le Chevalier:

Ça, dites-moi douce Bergère,
Voudriez-vous venir avec moi? ¹

De tudo se depreende que o “Bumba-meu-boi” foi transplantado e adaptado, aqui, no Brasil, há muitos anos; não quero, porém, me alongar nessas comparações descritivas e históricas, que não cabem nos limites deste prefácio.

Em vez do Valentão, pus em cena a figura do homem valente, como muitos que ficaram célebres, em décadas passadas:

Nascimento Grande, Corre Hoje, Pernambuco, Dr. Quilau e muitos outros que forneceram ao contista João Vasconcelos² um conjunto de estórias, cujo núcleo é a valentia, quase todas passadas no sertão de S. Miguel de Buíque.

Aqui, assim se apresenta um homem de verdade, um homem valente, de valentia individual, e não um cangaceiro ou jagunço que quase sempre exhibe bravura de grupo.

Das muitas entradas em cena de que se compõe este “Boi”, conservei a dos Romeiros – romeiros que encontrei muitas vezes, a caminho da festa de N. S. dos Prazeres –, e restabeleci, talvez, na sua versão original, a dos Cabanos, que seriam, na origem, os mesmos de Pannels de Miranda – assim o digo porque um vaqueiro, sertanejo que serviu em nosso sítio, no Zumbi, deu a uma novilha arisca e valentona, o nome de Cabana, o que prova ser a palavra ainda comum entre o povo. Os cabanos deste “Boi” são, entretanto, pura e simplesmente, os caminhos longos e difíceis traçados em toda a extensão do nosso país, e motivando as maiores dificuldades à sua ocupação.

Além dessas entradas em cena coloquei duas outras novas: a dos risonhos, formando um conjunto musical de risadas (como poderia ser de choros) numa tentativa de criar uma orquestra de sonoridades e matizes vocais, que somente os meios mecânicos atuais poderão conseguir. Acreditei que a realização desse conjunto vocal traria um efeito novo, e ao mesmo tempo de ironia, dadas as circunstâncias de inúmeras secas terem já causado muitas mortes, o comentário de Mateus, Catirina e Bastião é significativo.

A segunda nova entrada em cena é a dos mamulengos que surgem falando numa linguagem constituída de siglas, numa crítica a essa nova linguagem, que, com a dos computadores (Cobol, Fortran, etc.), e ainda os signos das lógicas simbólicas, trarão, brevemente, um aspecto caótico e ridículo à linguagem humana:

É sabido que o divertimento: “Palavras cruzadas” criou um tipo de linguagem ou comunicação que foi chamada de cruciverbismo por A. I. Greimas, o qual escreveu um excelente trabalho sobre o assunto³. Estou procurando utilizar em outro poema esse tipo de comunicação que não é “antipoético” como pensa Greimas; na minha opinião possui, ao contrário, grande conteúdo poético, dependendo, evidentemente, do que se considere poesia.

Ao chegarem a Nazaré da Mata, o Capitão e o seu grupo deparam com um presépio cujas figuras são de tamanho natural e, antes que a missa do galo comece, se animam e falam; falam, em primeiro lugar, os Reis Magos.

O tratamento que dei aos Reis Magos não deve causar estranheza a quem conheça um pouco de teatro medieval, pois no *Officium Stellae* (Ofício da estrela ou Adoração dos Magos) dois dos Reis Magos respondem às boas vindas de Herodes, num *jargon cocasse*⁴:

ASEAIASE ELOALLOABADAC; OSOME THOLICALAMA...; linguagem bem parecida com a dos mamulengos desta peça; no entanto, essa maneira de apresentar os reis Magos pertence a dramas litúrgicos.

Quanto ao novo testamento, é sabido que o Evangelho de S. Lucas foi, mais de uma vez, ampliado dramaticamente, em várias “Paixões”, como a *Passion provençale du manuscrit Didot*, *Passion de Semur*, *Passion de Arras* etc.,⁵, pelo que o depoimento que ponho na boca da Virgem Maria não deve também escandalizar ninguém. A Virgem aparece como a própria imagem da Sabedoria, a sabedoria absoluta, registrada na pauta do Universo, inscrita nas isofotos das galáxias.

O segundo quadro do “Boi”: De uma noite de festa é constituído quase completamente pelo sonho de Bastião, a dormir numa rede no “rancho”, onde o capitão e seu grupo, em viagem à procura do boi do presépio, se abrigaram, para passar a noite.

A interpretação desse espetáculo, dentro de espetáculo, que é coisa muita velha (*The Old Wives’ Tale*, *Hamlet*, *Bussy d’Ambois*, etc.) podia ser feita mediante o emprego de um espelho (teatro grego), ou de um filme (modernamente); o emprego do ekkyklema [ver Aristófanes AXAPNH (Akharnianos)] seria mais aconselhável, pois não fugiria da arte propriamente teatral.

O terceiro quadro é todo dedicado à procura do boi que fugiu: várias personagens são aí introduzidas, umas reais, outras alegóricas; entre as reais estão o poeta e o engenheiro; entre as alegóricas: o palhaço, um rei de baralho, o brinquedo de esconder (o caipora), o cavalo de carrossel, e o Judas de sábado de aleluia; o poeta alude a uma passagem de *La Vache enragée*, revista publicada em 1900, pelo desenhista Copiello. O palhaço aconselha, para se achar o boi, que se faça um chá de rasto⁶, o Brinquedo de

esconder, que é o caipora⁷ procura indicar os caminhos que levarão ao encontro do Boi. Nestas duas últimas figuras tirei partido das indicações de Câmara Cascudo, no seu famoso dicionário.

Tirei o doutor como assistente do boi, e coloquei, no seu lugar, um ervanário (curandeiro), que tenta reviver o boi, com aplicações de ervas medicinais: erva de Santa Maria, raiz de Sol, mastruço, capim santo, etc. – essa figura de vendedor ambulante de ervas teve ocasião de conhecer, com seu pequeno chapéu de couro, as suas alpercatas, as suas roupas remendadas, o seu calão, de onde pendiam os cestos que continham ervas, raízes, favas, cascas, etc.

Como bom ervanário, o que se apresenta aqui, neste “Boi”, é contra os doutores, e contra a vida destrutiva⁸, contra a voracidade que tem o homem pelo sangue, e, instintivamente, contra a possibilidade de uma científica e, já admitida, antropofagia.

A sua ação é uma demorada procura, no sentido de fazer despertar o boi que, segundo ele, não está morto, e, sim, apenas em dormição; admitindo como um fato, a dormição do boi, o ervanário acha natural lhe aconselhar o uso da Marijuana, não como um vício (do contrário não seria ele, honesto e sincero ervanário), mas como uma medida de alcance apenas medicinal, e dentro do seu conceito de curar os seus doentes, dentro dos processos da vida produtiva. Há nessa figura, possivelmente, qualquer coisa que lembra *Dit de l'Herberie*, de Rutebeuf, pois neste poema há um charlatão; ou melhor, o poema é um *boniment de charlatan* onde aparece um *herboriste* que se diz *mire* (médico) e vende ervas milagrosas, que são verdadeiras panacéias. O ervanário deste “Boi” não é charlatão.

A sua figura é tipicamente nordestina e, é possível que, no Nordeste, ainda hoje exerça o seu ofício.

As quatro danças particulares foram aqui agregadas procurando tirar partido do que já existe sobre a dança, não só no mundo ocidental, como principalmente no oriental.

A primeira, a do cavalo montado, não tem nada a ver com as danças de cavalos de circo; é uma dança criada pela composição das andaduras normais e floreadas de um cavalo, e provocadas por um bom cavaleiro.

A segunda é uma dança violenta, confusa, desarticulada, como também a terceira: a do Bicho Foirará que usa elementos tirados da

capoeira, dos cangapés dos banhos de rio, de esperneios, saltos, cambalhotas, atirar de pedras, etc. A quarta dança é muito diferente das três primeiras: é uma dança constituída não propriamente de movimentos ou de gestos, mas de uma simples, vazia, apresentação de seguidas atitudes, como uma variação de cenário vivo.

No entanto, a estrutura deste Boi é a mesma que é apresentada em espetáculos de rua, onde, como já assinalei, há modificação, com o andar dos tempos, do seu conteúdo folclórico.

Conservando a estrutura, suponho que conservo este teatro como gênero e, não apenas, como espécie.

¹ Jean Frappier: Le théâtre profane em France au Moyen Âge.

² João Vasconcelos: Estórias do Gama.

³ A.I.Greimas – L'Écriture cruciverbiste, no "To Honor Romun", Jakobson, pg. 799 – 1º vol.

⁴ Frappier – Ob. Cit.

⁵ Frappier – Ob. Cit.

⁶ L. da Câmara Cascudo: Dicionário do Folclore Brasileiro (verbete Rasto).

⁷ L. da Câmara Cascudo: Dicionário do Folclore Brasileiro (verbete Caipora).

⁸ Victor F. Weinhopf – Knowledge and Wonder – pág. 221.

Personagens

Cantadeiras

Capitão

Mateus (*Segundo Mateus no Terceiro Quadro*)

Catirina

Bastião

Homem Prudente

Homem Valente

Romeiros

Mamulengos

Risonhos

Cabanos

Primeiro Rei Mago

Segundo Rei Mago

Terceiro Rei Mago

Virgem Maria

A Onça

O Macaco

A Ema

A Cobra

O Jabuti

Foiará

Porteiro do Céu

São Pedro

Poeta

Engenheiro

Palhaço

Rei de Baralho

Cavalo de Carrossel

Brinquedo de Esconder

Judas de Sábado de Aleluia

Ervanário (*Curandeiro*)

PRIMEIRO QUADRO

Numa região e numa época indeterminadas do nordeste brasileiro. No recinto estão violeiros e cantadeiras. O espetáculo começa com as cantadeiras anunciando as terras e as praias do nordeste:

Cantadeiras Manguezal do Mamanguape
 Na barra de Coqueirinhos;
 Praia da Ponta de Pedra;
 Cabo de Santo Agostinho.
 É Garanhuns
 É Gurihem
 Tapirahim
 Tracunhaém

 De Tambaú, gameleiras
 Barreiras do Tambiá,
 Cajueiros de Catuama,
 Ilha de Itamaracá.
 É Igarapeba
 É Beberibe
 Ibiratuba
 Camaragibe

 Curvas de brancas areias
 Por Gaibu, pelo Suape;
 Luz da Manhã, luz subindo
 Pelos Montes Guararapes.

É de Araruna

É de Goiana

Ibiapina

Itabaiana

Águas do Rio Ipojuca,
Praias de vento e de espuma,
Jangadas de Pajuçara,
Barcas de Itapissuma.

É Mossoró

É Nazaré

Maragogi

Tamandaré

Terminado o canto, entram no recinto dois homens: o “homem prudente” já velho, e o “homem valente” ainda jovem, conversam:

Prudente Sempre digo, sempre faço,
Com prudência sempre atuo,
Sempre me desembarço
Dos defeitos que possuo.

Valente Comigo as coisas se passam
De um jeito bem diferente,
Pois sem querer me tornei
Homem disposto e valente;
Se a ninguém nunca ofendi
Muitas lutas e barulhos
Tive sempre pela frente.

Prudente Por ser prudente não tenho
Histórias para contar,
Não tenho impulsos violentos,
Nem lutas a relatar;
De precauções, de cuidados
Me componho, me rodeio;
E a sem graça da vida
Fica contida no meio.

Valente Diante dos que se formaram
Em escolas de covardia,
Diante dos desacertos,
Das fraquezas de hoje em dia,
Posso dizer que sou homem
Diplomado em valentia.

Prudente Disse que foi sem querer
Que se tornou assim...

Valente Foi
E a história aqui contada
Da minha primeira briga:
Teve por causa uma jovem
Que foi minha namorada.
– Moça a quem tirei a flor –
Não a via há vários anos
Quando, uma vez num cinema,
Ela entrou acompanhada...
Muito mais bonita estava

Como senhora casada;
A essa amiga de outros tempos
Deixei passar, sem mais nada.

Dentro, no escuro, no entanto,
Senti seus olhos que a mim
Procuravam. Senti seus olhos...
– Uns olhos que me lambiam,
Uns olhos que me comiam
E de antigo ardor queimavam.

De repente, uma agonia
Correu no ar. Um movimento
Súbito, brutal, violento
Surgiu ali, junto dela,
E agitou toda a platéia:
A luta então começou.
Pelo riscar de um punhal
Bem na altura do meu peito
Vi o que estava defronte,
Vi, na escuridão da sala,
O centro mesmo da fonte
De onde nascer poderia
A planta daquela morte;
O meu rival dominei,
Da luta em poucos segundos;
– Como se enfia a maniva
Para nascer um leirão
Cravei um fino, um profundo
Punhal no seu coração.

- Prudente** Suas lutas sempre foram
Por mulher?
- Valente** Nem sempre foram...
Mas, dentre todas, as que
Mais duras e apaixonadas
Sustentei. Pela mulher
Muitas vezes arrisquei
Morrer. Quantas vezes! Quantas!
- Prudente** E a intenção nunca tiveste
De por ela viver?
- Valente** *(sorri, fazendo um sinal evasivo)*
Bem...
Pela última, talvez...
Pela mais recente, embora
Também a morrer por ela
Me empenhasse. Sim...
- Prudente** Por quê?
- Valente** Saiba o amigo Prudente:
De todas as minhas lutas,
De todas, a mais recente
Foi também por mulher. E
Por uma mulher perdida...
Mas a quem muito queria,
Mas de quem muito gostava;
Pois, a todos se vendia

E só a mim é que dava.
E tinha um olhar bonito,
Que, às vezes, se iluminava.
E, às vezes, anoitecia.

(pequena pausa)

A história assim se passou:
Numa noite em que fui vê-la
Na pensão onde morava,
Um moço quis ofendê-la.

Era um homem forte e valente
Mas um tanto afeminado;
Não parecendo gostar
Do cheiro de mulher nua.

Com injúrias lhe humilhava,
Lhe dizia coisas cruas
Porque era mulher de todos,
Porque era mulher da rua;
Ergui-me em sua defesa.
Ergui-me, e fiz um sinal;
A luta foi muito breve:
– Durou o tempo em que a luz,
Branca, brilhou no punhal.

(pequena pausa)

O moço de tanto orgulho
Agora está sob a terra... *(com um sorriso)*
– Boa terra que é também
De todos. Sim, sim, de todos...
De todos ou de ninguém.

Prudente

O bom viver é ilusão
E bem viver é dormir:
Viver, morrer como aqueles
Que sempre têm precaução;
Viver, morrer como morrem
Os generais reformados,
Calmos, deitados na cama,
Após vencidas batalhas
Verdadeiras ou sonhadas;
Como os íntegros juizes,
Que se extinguem convencidos
Das perfeitas, das felizes,
Justas sentenças lavradas;
Assim espero também
De consciência serena
Morrer tranqüilo e velhinho
Como vem o fim da tarde
Como acaba um passarinho.

Valente

Se na luta entre dois homens
– Dois homens – um pelo menos
Deve morrer, tanta sorte
Sei bem que nunca hei de ter.
O valente morre moço,
Valente vive da morte,
Da morte certa do outro;
Da morte que é o próprio escudo,
Defesa de sua vida
Da morte que lhe vem com
Fome, em cio, pois a morte

É fêmea, a morte é nua;
 E lhe vem, e lhe reveste
 A mocidade ardente sua;
 Valente vive da morte,
 Da morte certa do outro,
 Do gesto certo, na conta;
 Quando falha esta certeza
 Sua própria morte desponta,
 Seu mau destino aparece;
 Como a fruta ao sol da tarde,
 O seu destino na ponta
 De uma faca amadurece
 E cai, e é chão, no chão.

Neste momento, ao fundo, ainda desmontado, aparece o capitão; dirige-se aos dois homens presentes, comunicando-lhes que vai assistir à missa de Natal em Nazaré, e convida-os a ir com ele.

Capitão

Aos senhores apresento
 O meu saudar, e previno
 Que hoje é o maior dos dias.
 – Dia feliz e divino.
 Dia em que na Palestina,
 Numa simples manjedoura,
 Nasceu nosso redentor.
 – Viva chama imorredoura.

Neste dia, que é tão santo
 Venho, pois, a convidá-los

Para, em Nazaré da Mata,

Ouvir a Missa do Galo.

Entram Mateus, Bastião, Arlequim, Catirina e vão para o capitão:

Mateus Senhor capitão, queira vir.
Está pronto o seu cavalo.

Bastião O seu cavalo marinho...

Catirina No qual montado há de vir
Por todos estes caminhos.

O capitão se retira acompanhado pelos seus assistentes e volta logo depois, montado no cavalo marinho; o capitão vem dançando com Mateus, Bastião e Catirina, quando as cantadeiras anunciam que vão passar os romeiros para a festa.

Cantadeiras Vêm os romeiros, de longe,
Da sombra de seus casebres;
Trazem calor de caminho,
Calor de sede e de febres.
No pátio da igreja velha
Vão acampar os romeiros;
Vão a pedir, a rezar.
Vão a dançar no terreiro.

Aparecem os romeiros em fila, um atrás do outro. São dois homens e duas mulheres, que vêm caminhando de longe para assistir a festa; trazem matolões e trouxas, pois vão acampar por vários dias, durante a festa.

Primeiro Romeiro (*homem*)

Venho cansado de andar
Tanta poeira no chão

Terceiro Romeiro (*mulher*)

Parti: era lua nova
Chegando estou: lua cheia

Segundo Romeiro (*homem*)

Antes de vir, fiz promessa:
Num rio de águas barrentas
Atirei quatro vinténs;
O rio secou, agora
A minha graça não vem.

Terceiro Romeiro (*mulher*)

Da igreja nova do outeiro
Deixei na porta um recado
A Jesus, Nosso Senhor,
Hoje espero, em Nazaré,
Uma resposta daquele
Que é de nós o Salvador.

O primeiro romeiro pára, todos param; o primeiro romeiro contempla a paisagem em torno.

Primeiro Romeiro (*homem*)

O dia chegou contente
Como se fosse um parente
Que não esquece da gente,
E fica para jantar.

Quarto Romeiro (*mulher*)

(*com o mesmo movimento do primeiro, a ouvir um sino distante*)

Manto verde sobre as árvores,
Canto de sino natal,
Santos de assíduos milagres
De Nazaré na Matriz.

Terceiro Romeiro (*mulher*)

Ai! Que saudade! Ai! Que ai!

Na almofada a fazer rendas
Ouço contar velhas lendas,
E o vento passar nas fendas
Dos mocambos de capim.

Segundo Romeiro (*homem*)

Ai! Que saudade! Ai! Que ai!

Beber cachaça nas vendas,
Ouvir rodar as moendas
Nas usinas. Nas fazendas,
Ouvir o gado mugir.

Quarto Romeiro (*mulher*)

(*com o mesmo movimento do Primeiro Romeiro*)

Arde uma luz entre nuvens,
A tarde vem triunfante,
Alarde de azul e rosa...
Viva a festa no arraial!

Primeiro Romeiro

Ai! Que saudade! Ai! Que ai!

Lindas mulheres amadas,
 Findas lembranças queridas
 Vindas no sopro da noite!
 Desta noite de Natal!

(saem os romeiros)

As cantadeiras anunciam a entrada dos mamulengos.

À medida que as cantadeiras cantam, entram quatro figuras esquisitas, monstruosas, deformadas: nas formas habituais usadas nas marionetes.

Cantadeiras

Sim, são quatro mamulengos
 Vindos da Manemolândia,
 No passo manimolente
 De quatro urubus malandros.
 Sim, são quatro mamulengos:
 SUNAB, DASP e DENOCS
 No passo mais que molente,
 Puxando IPASE a reboque;

Trazem na cara, careta
 Com um nariz de batoque.
 Vêm armados de cacete,
 De relho, laço e bodoque;

Fazem música fanhosa
 Soprando uns cornimboques.

Sim, são quatro, sim: SUNAB
 IPASE, DASP e DENOCS.
Entram os mamulengos

DASP – OEA COCEA, DENOCS, ESSO
 IST KAMI NAZARÉ?

DENOCS – COCEA SUPRA, DASP, KAMI
 NAZARÉ KOME CON UNESCO.
 IAA IAPI IRGA CADE.

SUNAB (*pára, escutando; parece ouvir som de sino*)
 – ORIT ! ORIT ! SAM CINIC IRGA
 NAZARÉ?

Bastião Que língua é esta Mateus?

Mateus É a língua que se fala
 Na Manemolândia.

Bastião Ah!
 Mateus, você entendeu
 O que estes homens disseram?

Mateus Parece que estão incertos
 No caminho a prosseguir;
 O som longínquo dos sinos
 Da Igreja de Nazaré,
 Estão procurando ouvir.

IPASE (*fazendo gestos de precaução*)

PUC! PUC! COSIGUA! IN ET TERR
TIEMP TRA, SUDENE, UNE COBRA
SESI

DENOCS UNE COBRA?

IPASE COSIPA! MAFERSA! ILAFA UMES
SPANT!

DASP CEPEL OEA USAID?

IPASE IAA? FIESP...

SUNAB (*ri*) HA! HA! HA! FIESP... IAA:
IAPTEC! – COBRA OTAN.

Bastião Agora, Mateus, que disseram?

Mateus Um deles disse que ali (*aponta*)
Naquele canto ele viu,
Tempos atrás, uma cobra
Tremenda, horrível. Fugiu
Com medo.

Bastião Ah! E o outro então
Respondeu que se fosse ele
Matava a cobra. Não foi?
Não é essa a tradução?

Mateus Isso mesmo.

Bastião (*sorrindo*)

Esta língua é
 Mais fácil do que o caçanje
 Que aqui falam em Sublândia.
 Eu e você, sem trabalho,
 Podíamos ser diplomatas,
 Os dois, na Manemolândia.

De repente ouve-se um som muito longe, de sinos, os mamulengos se agitam, se apressam, atordoados, confusos.

DENOCS (*em atitude de quem escuta*)

– ORIT! ORIT! SU ONU CINIC IRGA
 NAZARÉ!

Saem atabalhoados e em grande confusão. Agora ouve-se um som de risadas que vem se aproximando:

As cantadeiras anunciam:

Cantadeiras Ei! Banga! Ei! Banga!
 Banga que Banda-Banga
 Banga la Fumenga...

Sob a batuta vem
 De Banga la Fumenga
 A bandinha risonha
 Dos alegres maengas:

– Antônio dos Grudes
 André Carapuça,

Mané dos Anzóis
 Quinquim dos Pitus,
 Zé Perequeté é... é
 Ei! Banga! Ei! Banga!
 Banga que Banda-Banga
 Banga la Fumenga.

Entra pela esquerda, de costas – avançando e dando saltinhos, ora num pé, ora noutro, agitando uma batuta – Banga la Fumenga. Logo após aparecem os risonhos: São cinco, formando um quinteto de risos; cada qual ri de um modo, ou com timbres diferentes; uma gama de risadas bem composta. A entrada dos diferentes sons dos risos é feita pelo maestro Banga la Fumenga. A composição dessas risadas, em forma de orquestra deve ser conseguida registrando-se em fita magnética as partes de cada risonho e, depois, orquestrando-as. Rindo, rindo com tonalidades sonoras diversíssimas passam os risonhos.

Bastião Como riem, como sabem
 Rir; cada um ri a seu modo,
 Cada um ri sua alegria.

Mateus Do riso em vários matizes
 Aqui temos a harmonia
 Riem, devem ser felizes
 E devem estar contentes.
 (pausa)
 Uma vez, Bastião, entrando,
 No cemitério da Vila,
 Vi um coveiro dispondo

Sobre a pedra tumular,
Várias caveiras em fila:
– Elas também, como riam!
Guardando, porém, silêncio.
– O som das suas risadas
Só no outro mundo se ouviam.

Bastião Vêm do outro mundo os gracejos
Que estes homens fazem rir?
Vêm do outro mundo? Quem sabe?

Catirina Um ri do riso do outro
E ri... ri... continuamente.
Riso assim, sem que se acabe
Parece até que é moléstia,
Que pode pegar na gente.

Bastião É ... é doença, é uma peste
De risadas. Para mim
Isto pega como a sarna,
Como o cobreiro e o alastrim.

Mateus Estas soltas gargalhadas
Devem ser os sons gelados,
Daquelas mudas risadas
Que ouvi no cemitério;
Só agora, não me engano,
Só agora são ouvidos
Os risos dos que morreram
Nas secas dos outros anos.

Bastião É o som de um riso eterno,
Riso estendido, triste música
Que o tempo gelou na boca;
Eles estão rindo é de nós,
De nossa sorte tão pouca.

Com a passagem dos risonhos termina o comentário dos acompanhantes do capitão. Estes, e todos os presentes, se preparam para também partir com destino a Nazaré da Mata onde vão ouvir a missa do galo.

Capitão A luz do sol vai sumindo...
No céu, passando, um mar
De nuvens, largo se estende.
Vamos indo, vamos indo,
Para não chegarmos tarde.

Quando todos se apresentam para partir seguindo os romeiros, os mamulengos e os risonhos, surgem de um lado, inesperadamente, quatro figuras escuras, envolvidas em largas roupas cheias de terra, enegrecidas pelo tempo. O rosto, as mãos, a roupa salpicados de folhas, raízes, pequenos gravetos. Nos seus rostos não se distinguem as feições. Os olhos, a boca, o nariz formam uma massa indefinida. Aproximam-se como sombras, como sombras de árvores que se tivessem erguido no chão e, mudas, caminhassem.

Capitão Que figuras são estas? Imprevistas
Como sombras que se erguessem do chão,
E guardassem do chão a natureza
De poeira e tempo, de distâncias rudes?

Que figuras são estas? De que sonho,
De que pesadelo foram saídas?

Cabanos

Somos sombras, sim, somos
Sombras de nuvens, de troncos
Somos os próprios caminhos...
Somos: passamos e ficamos.
Sim... sim... somos o recesso
Das virgens florestas,
A solidão das charnecas.
As massas ocultas, as forças latentes.
Somos a terra dura, resistente... Terra!
– Da nossa cinza nascem cores:
– As cores verdes e maduras –
Da nossa poeira é feito o humo:
Sombra – promessa de farturas.
Porque somos a sombra da chuva:
Os dias horrivelmente claros –
E a sombra do vento: as calmarias,
E a sombra da água: as terras secas.
Somos!

Capitão

Por que deste ser as vozes agora,
Só agora, tão tarde, é que ouvimos?

Cabanos

Nossa voz popular não se ouve
Nas escolas, nos quartéis, nas igrejas,
Porque ali sempre calamos,
Porque ali sempre guardamos silêncio;

Quatro anos lutamos; quatro instantes,
 Quatro séculos, quatro milênios,
 Quatro eternidades, lutamos: quatro anos.
 Da Panelas de Miranda viemos:
 Somos Cabanos!

Capitão Mas, por que esta voz, esta voz tão seca?

Cabanos Porque somos os caminhos
 Da secura, e raras vezes florimos,
 Raras vezes somos a úmida ascensão das grotas.
 E, dos abismos das nuvens,
 Raras vezes sentimos descer noturnas
 Amplidões de céus molhados; sentimos subir,
 Raras vezes, a noite das furnas.
 Porque somos Cabanos!

Capitão Este ser, por que este ser vivo, vivo e morto?
 Passado ser, de vir a ser presente?

Cabanos Somos o chão dos caminhos,
 O chão esmagado, contuso, contido,
 Aberto, pisado, cuspidado, mijado,
 De suor e de sangue molhado;
 Chão que guarda, mortas, desfeitas raízes
 – Perdidas angústias de sede –
 Que guarda as cicatrizes
 De pés fendidos, feridos, cansados;
 Somos o chão, e no chão,
 A marca dos pés firmes, parados,

A marca dos pés, medrosos fugindo;
 Somos o chão – e no chão –
 Vestígios: marcas de muitas vontades,
 De muitas vontades conjuntas;
 Vestígios! vontades firmes,
 Marcadas no barro, na rocha;
 Aberta nos ares desertos,
 Lançadas sobre águas correntes.
 Somos os próprios caminhos
 Eriçados de espreitas, de tocaias.
 De emboscadas, de acusmas;
 Caminhos erguidos, eriçados
 De margens cobertas de flechas,
 De unhas, de puas, de urtigas e espinhos.
 Entremetidos, entremeados
 De tiriricas selvagens;
 Caminhos erguidos, eriçados,
 Para conter os intrusos, os estranhos.
 Somos caminhos, Cabanos!

Cabanos (*se retirando*)

Somos o poder, a livre ação de andar na terra,
 [de caminhar.
 Somos a terra, a terra permanente
 Aos pés dos homens efêmeros;
 Não estamos antes, nem depois.
 Não temos ausências, nem previsões.
 Não temos cansaço, nem renúncias.
 Por isso, partindo, dizemos:
 Até sempre!

Todos (a uma só voz)

Até sempre, Cabanos!

Saem as cabanos. Preparam-se para partir novamente o capitão, os seus auxiliares e convidados. A capitão a cavalo, fazendo figuras e piruetas, põe-se à frente, a caminho da Igreja de Nazaré.

(Dança do cavalo montado)

Primeira dança particular**Capitão**

Se agora partirmos
 Logo à noite ouvimos
 A missa do galo:
 À frente me ponho
 Dançando a cavalo.
 No estribo me firmo;
 Recolhendo as rédeas
 Na sela me embalo,
 Riscando na frente,
 Dançando a cavalo

Piruetas, esbarros
 Modulo no freio;
 Deslizo, resvalo
 Fazendo figuras
 Dançando a cavalo.

Ágil curveteio;
 Chegando as esporas

O rebenque estalo;
E risco o marisco
Dançando a cavalo.

De antigas pisadas
A fazer floreios,
Sem mais intervalo,
Na frente é que vou
Dançando a cavalo.

Todos desaparecem pelo lado esquerdo; neste momento há uma mudança de cena. O Capitão, Mateus, Catirina, Bastião, os homens Valente e Prudente entram agora num pátio de igreja todo ornamentado para a festa de Natal. Entre as barracas de rifa e sorteios, entre os vendedores de “geladas”, refrescos, rosários de castanhas e pipocas, etc., está um grande presépio, de tamanho natural.

Ao centro o menino Jesus, deitado sobre a palha do seu berço humilde, junto a Virgem Maria e São José. Ao lado, no recesso da manjedoura, o boi e o burro; em torno do menino, ajoelhados, pastores, os três reis magos; no alto: dois anjos. O grupo do capitão se aproxima do presépio e fica entre as pessoas que contemplam as imagens ricamente vestidas, com resplendores e coroas doirados. As figuras estão firmes, duras, como esculturas que são. Ouve-se, distante, uma música alegre, entre o rodar das rodas das rifas e o alarido do povo. Mais distante, um grupo de pessoas voltadas numa mesma direção, indica a posição aonde está o altar, erguido ao ar livre, para a missa que vai ser em breve iniciada.

Capitão Chegamos, aqui estamos
 Para a comemoração
 Do nascimento de Cristo.

Neste momento ouve-se o som do sino, as pessoas que estão olhando na direção do altar se movem, o Capitão, os seus amigos, as pessoas que estão em torno do presépio também se movem, para assistir à missa, quando as imagens dos três reis magos se animam. Todos ficam então, nos seus lugares, surpresos. As imagens dos Santos Reis se despem das suas antigas e históricas vestimentas, e aparecem em trajes civis do século 20. São agora três figuras bem vestidas da moderna burguesia, três presidentes de companhia, gerentes de bancos ou coisa parecida. O primeiro Rei Mago fala:

Primeiro Rei Mago

Meu Senhor, menino-rei,
 Anjo-rei, aqui vos trago
 Minha oferta, meu presente:
 Que é o ouro, o eterno ouro...
 Sempre o mesmo pelos séculos
 Que passaram e hão de vir;
 Imutável, permanente
 Como a verdade... a verdade...
 – A verdade é, Senhor, de ouro –
 Ela é fria, dura, eterna...
 Minha oferta é a verdade
 Deste ouro que há dois mil anos
 Sempre vos ofertam, o ouro
 Dos ricos proprietários,
 Dos reis, dos banqueiros, dos

Deuses e das prostitutas;
 O ouro dos perdulários,
 Dos ladrões, dos aventos...
 O ouro das sepulturas. (pausa)
 O ouro é um livro, e é nele
 Que melhor se lê a história
 Dos homens. O que se sabe
 Hoje dos povos antigos,
 Das suas façanhas e famas,
 É através do ouro, Senhor;
 O que ainda há dos Impérios,
 Das civilizações de outros
 Tempos? O ouro... o ouro e... a lama.
 Que restou da Babilônia?
 O que ficou da Caldéia?
 O ouro...

Bastião Do Brasil, Mateus
 O que ficou?

Uma voz Ficou...

Capitão Psiu! Silêncio!

Primeiro Rei Mago

O ouro é uma flor amarela!
 O ouro! O ouro tem cor
 Das folhas mortas, do mel
 E da cera das colméias;
 A cor da ascensão do dia

Quando... quando a tarde vem...
 O tempo, o sangue são de ouro,
 São de ouro o sol, os planetas...

(pausa)

De ouro quero ser também,
 Quando a morte vier! Morte?
 Quando, último tesouro,
 A morte, Senhor, chegar;
 Frio, imóvel ficarei,
 Amarelo, duro... de ouro.

O Primeiro Rei Mago volta à sua situação rígida de imagem.

O Segundo Rei Mago, por seu turno, se anima e fala:

Segundo Rei Mago

Não é de Mirra o presente
 Que aqui venho oferecer;
 Não é a Mirra, a odorante
 Substância do Oriente.

Como sou representante
 De Melchior & Cia. Ltda.
 Sociedade que trabalha
 Com petróleo e derivados,

Em seu nome é que ofereço
 Não o petróleo realmente,
 – Embora ele seja também
 Da natureza odorante:

Tem um cheiro subterrâneo
De antigas, profundas flores
Cadavéricas; também...

(sorri, cinicamente)

Cheira a dinheiro, Excelência.
Não é o petróleo, realmente,
O que aqui vos ofereço
No dia em que inaugurais
A cristandade, Excelência.

São ações da companhia
Que represento, e que faz
Uma grande promoção
Nesta noite de Natal.

Catirina

Este Rei Mago, Mateus,
Parece o Dr. Lilico,
Gerente do nosso Banco
Do Subdesenvolvimento
Municipal.

Capitão

Psiu! Silêncio!

Segundo Rei Mago

O petróleo que vos trago
Não é como a antiga Mirra,
Um símbolo só da morte.
É sinal também da vida,
Do progresso, da riqueza,
Das distâncias vencidas;

Dominadas nas águas,
Nos céus, nas montanhas.
Mas, determinado está:
– É das Santas Escrituras –
Que o mundo todo destruído
Pelo fogo ainda será;
Assim, não é pela vida
Que estas ações vos ofereço;
É pelo fim, pela morte
Do mundo. E é... e é por isso
Que vos peço a preferência.
(mexendo as mãos um pouco acanhado)
Ao chegar o último dia,
Que seja escolhido para
Este fim, para esta morte,
O nosso petróleo, Excelência!

O Segundo Rei Mago emudece, e volta à sua condição anterior de estátua. O terceiro Rei por sua vez se anima e fala:

Terceiro Rei Mago

Não foi possível mais vos
Trazer incenso, Eminência,
Como há séculos vos trouxe
Meu colega Baltazar.
O incenso! que dá as linhas
Do subir, do se elevar
Ao sem limite das nuvens,
Levando com ele as preces,
As súplicas ardorosas
Dos homens desesperados,

Até muito além das nuvens,
 Ao reino eterno do inciado.
 Não tenho incenso, Eminência,
 Tenho porém um pó finíssimo,
 Um pó de extrema finura
 Capaz de fazer surgir
 Alvos cogumelos: nuvens
 Muito brancas, altas no
 Céu, tão alvas e altas,
 Como aquelas em que Deus
 Aparecia no início
 Do mundo, um pó sutil. (*sorri*)
 Um pó? Um gás absoluto,
 Capaz de fazer essas nuvens
 Grandes e silenciosas,
 De onde se ouvia a voz de
 Deus. Meu presente, Eminência,
 É a Anti-matéria!

Bastião Este Rei Mago...

Capitão Psiu! Silêncio!

Terceiro Rei Mago

Com anti-matéria, Eminência,
 Imersas em reinos ignotos,
 Entre raios e tumultos,
 Mais nítida se ouvirá
 A voz imensa, trovejante,
 A voz infinita de Deus.

Dentro dessa nuvem pura,
 Imaculada, ainda virgem
 De qualquer nascer, e já
 Poluída da eterna morte,
 Melhor se ouvirá, melhor...
 Sua última voz terrível.

Quando acaba de falar o terceiro Rei Mago volta à sua condição anterior, de estátua: Imediatamente a imagem da Virgem Maria se põe em movimento: ergue os braços, tira a coroa e o resplendor dourado, despe a túnica bordada de seda e ouro, e aparece com a fisionomia e as vestes de uma mulher do povo. Fala:

Virgem Maria Sou uma mulher do povo,
 Mulher de condição plebéia,
 Que teve um filho anunciado
 Por um sonho, em Nazaré,
 No país da Galiléia. (*pausa*)
 (*apontando para o menino*)
 E este é meu filho sonhado.
 Mas este filho não foi
 Tão simplesmente nascido:
 Por um sonho é que se fez,
 Por um verbo transmitido
 Em quanta de luz angélica:
 Uma forma que surgiu
 Dos mais íntimos reflexos.
 Entre uma noite alva, fúlgida,
 E um adormecido dia.
 Este filho é luz em mim,

É o que em mim foi refletido:
Luz brilhando em meu jardim.
Eu sou o espelho, ele a imagem.
A imagem de um ser longínquo.
Todo e sempre inconcebido.

(pausa)

O mundo se vê através
De um vidro, através de um dia,
Entre as lâminas espessas
De uma luz fria, imperfeita.
Entre nuvens de infinitos...
– O mundo se vê deformado.

(pausa)

Este é o Messias: Jesus.
Foi o primeiro, foi o único
Que o mundo viu sem véus,
Que o mundo viu do outro lado
Do vidro, porque não foi
Concebido, foi sonhado.

O único que o mundo viu
Através da luz dos anjos.

(pausa)

No pomar, jardim de frutas:
Arbóreo ventre, – lugar
Mais belo que um jardim de
Flores ou de folhas – eu
O vi deitado, dormindo.
– Fruto mais belo – produto
De tudo no ser do mundo.

O vi deitado, nascente,
No seio do meu pomar:
Jardim de fruto inocente.

(pausa)

No fundo do céu, um hino
A Estrela Nova cantava!
Desde o anunciado Dia
– Dia do Desvelamento –
Há uma história proferida,
Gravada na fita das
Estrelas, para o Sempre.
Por ela se há de saber,
Se saberá em qualquer tempo,
Que o meu filho Jesus não
Espancou os que vendiam
No Templo: isto inventaram
Os violentos, para sobre
Ele se justificarem;
Nem disse que os que não eram
Com ele, eram contra ele;
Aqueles que lhe atribuíram
Estas palavras já eram
Autoritários e tiranos:
Como de Jesus, disseram
Ser, as suas próprias palavras
Com que sempre exerceram
As sua tiranias.

(pausa)

Sou uma mulher do povo;

A mulher de um carpinteiro.
Mas tudo isto sei, porque
Sei o que é, e o que há de ser.
Porque li o que está escrito,
Está inscrito e prescrito
Na pauta do eterno tempo,
Nas isofotos das galáxias.

(pausa)

Os reis, os imperadores,
Os ricos, os poderosos
Nunca puderam aceitar
Que a verdade proviesse
Da boca de um homem simples:
Nos vestiram de seda e
Púrpura, como lhes convinha.
Nos coroaram e fizeram;
A ele rei, e a mim rainha.
E... nos adoraram como
Ídolos.

(pausa)

Através do
Tempo os meus gestos mudaram,
Juntaram, não eram meus,
Muitos gestos ao meu braço.

Pequeno monstro deitaram,
Puseram em meu regaço;
E tiraram do meu colo
O meu filho bem amado.

Clarearam o lado escuro
 Do meu rosto, iluminaram
 A noite do meu rosto: aço
 Do espelho que o refletiu.

Nessa altura das palavras da Virgem Maria, os dois rostos escuros dos anjos começaram a se mover, e mantiveram, entre si, um diálogo mudo, apenas utilizando os signos fisionômicos do rosto: boca aberta, olhos fechados, erguer de sobranceiras, rictos nos lábios, etc., toda a mímica que pode dar a mobilidade de um rosto. Esse diálogo é a revelação de um mistério.

Virgem Maria Quando ainda tempo não era
 Da sua vinda-visão,
 Que está antes, e que está,
 E está depois. Da sua visão
 Anterior, mediana e póstuma,
 Que é princípio, meio e fim,
 Trevo, tríade, trindade,
 Os homens dentro do seu
 Limite, do seu em si,
 Dentro da sua morte se
 Fechavam; Jesus chegando,
 Abriu-lhes uma clareira,
 Sobre um pomar de esperanças,
 Sobre a realidade do último
 Infinito. No tempo-chumbo
 Que os esmagava, um alívio,
 Uma nuvem divisaram.

Longa pausa. A Virgem fica imóvel como se tivesse voltado a condição de imagem; em seguida move-se outra vez e continua:

Virgem Maria Um dia, a uma voz, a uma
Voz que chamou por seu nome,
O meu filho partiu. Sobre
O plano do mar caminhou...
E, depois, sobre planícies
De plantas ásperas, rasteiras,
Sobre pauis e lezírias
De terra fria, fofa, primeira,
Seguiu. Sobre caminhos
Suaves: colinas, ladeiras,
Subindo foi para os montes,
Para as montanhas rasgadas
De fundas ravinas: rôtas
De altos-profundos abismos,
Que se cavavam: subiam;
E quanto mais os abismos
Cresciam e se afundavam,
Mais, mais e mais os caminhos,
Ao longo da bruta encosta,
Se perdiam, se estreitavam
E se uniam à vertical
Planície: se anulavam.
Mas ele ia, prosseguia
Entre a montanha e o vazio:
– Paredes de um túnel – ia,
Firmemente equilibrado
Sobre os seus pés de horizonte.

Por um momento passou
Sobre o seu rosto e cabelos,

Um sonho de ar calmo e fresco,
Um rumor de folhas, um canto
De pássaros; parou, e
Meditou por longo tempo,
No jardim daquele instante,
Sobre o ritmo, sobre a graça
Dos animais e das plantas.

(pausa)

Foi quando, inesperado,
Agressivo som se ouviu:
Um pequeno golpe seco
E súbito como um sopro,
Um bafo terrestre; como
Um beijo de aragem – Logo,
Tudo escureceu. A imagem
Se apagou. De um túnel,
A sombra, todo o envolveu.
Uma luz que em si trazia
O iluminava, entretanto.
– Lograda imagem autônoma,
Uma luz de si irradiava –
Luz preta, prisioneira.
Um sopro de luz que a própria
Luz continuamente apaga;
Vibração de um corpo negro,
Ondulações de mansa treva.

(pausa)

*Ouve-se um som de sino distante, anunciando que a missa
de Natal continua.*

Caminhava, caminhava...

A sombra do túnel a

Lhe pesar, começou, sobre

Os ombros, mas avançava.

Vergado ao peso da sombra

Marchava na frente, e eu

Seguia-o de perto...

(pausa)

(Depois, numa voz mais grave)

Pois

Ele quis que eu fosse em sua

Companhia, eu, o espelho.

Fosse em sua companhia

Até... Até? Até o Calvário.

Agora a Virgem Maria emudece inteiramente e volta a sua condição rígida de estátua. O presépio fica inerte e mudo como estava no princípio; ouvem-se novamente os sinos anunciando que a missa continuava. Rápido, violento movimento de pessoas, que fogem dos bastidores para dentro da cena, indica que um conflito surgiu. Uma luta se verificava fora de cena. Movimentos, em várias direções, de pessoas que fogem, chocam-se entre si, em grupos avançam, recuam, realizam uma verdadeira “Dança do pânico”.

Segunda dança particular

Há ímpetos de correr, há gritos sufocados, há vacilações e incertezas, há fugas, apressadas entradas e saídas de cena, crianças que se procuram com gestos. Os que estão assistindo

à missa, sofrem também ligeiros recuos. Tudo, porém, se passa em completo silêncio, pois a missa prossegue.

Nesse instante, do lado de onde é presumível que se esteja travando a luta, um homem entra em cena, de costas, aos tropeções e, por fim, cai, se estende no chão; há pessoas que fogem assustadas, algumas se aproximam, curiosas, do morto estendido no solo: é o “homem valente”.

Está com o rosto colado no chão e a mão esquerda sobre o coração; da sua mão direita, com a queda, um punhal despreendeu-se e saltou para o lado.

Prenunciando o fim da missa do galo, soam toques de sino, espaçados e breves, ouvem-se depois as cantadeiras que cantam em voz baixa:

Cantadeiras O valente morre moço,
 Valente vive da morte.
 Da morte certa do outro.

Os sinos voltam a tocar, mais freqüentes e demorados. Cessam. Curiosos se aglomeravam em torno do corpo morto do “homem valente”; as cantadeiras cantam novamente.

Da morte que lhe vem como
 Uma fêmea em cio, nua,
 Que lhe envolve e lhe reveste
 A mocidade ardente sua.

Agora os sinos tocam, longa e prolongadamente, o fim da missa. As luzes das barracas vão se apagando. A iluminação feita com troncos de bambu se extingue. Em pouco, fica tudo escuro e em silêncio.

As cantadeiras cantam:

Cantadeiras Dessa grande Noite de Festa
 A missa do galo acabou,
 E na terra injusta dos homens
 O boi do presepe ficou.

Este boi veio
 Este boi veio
 Este boi veio
 De Nazaré
 De Nazaré
 De Nazaré
 De Nazaré
 Da mata
 Este boi veio
 De Nazaré

Nessa terra injusta e sombria,
 Que a tristeza aos homens doou,
 Anunciando tempos felizes
 O boi do presepe ficou.

Este boi veio
 etc .

Fim do primeiro quadro

SEGUNDO QUADRO

O segundo quadro começa com o canto das cantadeiras anunciando a fuga, o desaparecimento do boi do presepe. Desaparecimento que corresponde a uma onda de novos, infelizes sucessos: seca, fome, etc.

Cantadeiras

O boi santo do presepe,
 Já na sua camarinha,
 Há dez noites que não dorme,
 Que será de nós, maninha.

Secaram campo e roçado,
 Faltou a chuva que vinha,
 Que será de nós agora,
 Minha Santa Teresinha!

No paiol quase vazio
 Deu carocha na farinha,
 No quintal, e sem motivo,
 Deu o gogo na galinha.

Desde muito se acabaram
 A carne de sol que tinha,
 E a lingüiça pendurada
 No fumeiro da cozinha.

Assim como o boi fugido
 Nossa miséria caminha;
 Agora, sem boi, sem chuva,
 Que será de nós, maninha.

Ao término do canto das cantadeiras, entram em cena, como os que vão de viagem, o capitão e o seu séquito (Mateus, Catirina, Bastião). Estão em campo à procura do boi que fugiu. O cenário representa uma região seca do Nordeste: uma estrada poeirenta, com vários desníveis nas suas margens, e, junto à estrada, ao canto, um “rancho”: construção longa, de

taipa, sem reboco, sem paredes internas, e com as externas apenas erguidas até dois metros de altura, deixando uma alongada abertura entre ela e o telhado que é de capim.

O “rancho” está cheio de redes penduradas; – o “rancho” é uma espécie de hotel, de hospedaria onde, em geral, dormem, de passagem, carreiros, almocreves, boiadeiros, tangerinos de gado e gente de profissão indefinida. Algumas das redes estão ocupadas. O grupo do capitão e seus seguidores aproximam-se. Começa a anoitecer

Capitão O boi santo do presepe
 Há dez dias que fugiu
 Do curral. Aqui estamos
 Dele a procura.

Mateus Sumiu?
 Não! Para mim foi roubado,
 Me convencer do contrário
 Ninguém pode.

Capitão Policiado
 Agora, todo o sertão
 Está, Mateus. Não há mais
 Cangaço, roubos e assaltos.

Mateus Se assaltos há... ora, se há...
 Há muitos, muitos, e ainda...
 Hoje, no mundo vivemos
 Em completa confusão;

Estamos aqui na terra
Nesta sinistra inversão:
Ladrão é, quem é honesto,
E honesto é: o ladrão.

Bastião Pelo o que está parecendo,
Nessa nossa região,
Pobre de carne e farinha,
Ainda há muito ladrão
De cavalo e de galinha

Capitão Hoje as coisas melhoraram,
Já se pode andar tranqüilo
Por estes caminhos. Sem
Medo de tiro ou de faca.

Catirina Os homens são sempre os mesmos...
Bons não são, nem os melhores;
Os melhores, que porfiam,
E que zelam por bom nome,
Não mandam matar de fogo,
Não mandam matar de ferro,
Mandam matar é de fome.

Capitão (*dirigindo-se para o rancho*)
No rancho de Antônio Pedro
Vamos ficar esta noite
A descansar um pouquinho;
Partiremos outra vez
Pela manhã bem cedinho.

Entram no rancho. O capitão sai para um lado aonde deixa o cavalo marinho, e volta desmontado. Nas redes já preparadas todos se deitam. A luz do dia vai desaparecendo. Pouco tempo depois reina a escuridão. De repente aparece, no fundo, um espaço iluminado, onde vai suceder alguma coisa; ao mesmo tempo Bastião ergue o seu busto da rede, e abre os olhos. Ergue-se, como um autômato, como um sonâmbulo; – (o que se vê no espaço iluminado é o que Bastião está sonhando) – O espaço iluminado representa um pequeno largo onde vem dar vários caminhos. À direita e ao fundo está o começo de uma ladeira, diante dela, encobrida parcialmente está um estábulo, com estrado, cocho e grande tina de mel de furo (o gado está ausente). Ao lado, perto do estábulo, se vêem grandes galhos de copada mangueira e, embaixo dela espessa camada de folhas secas.

O sonho começa: de um lado aparece a onça, e do outro, o macaco; em passo de dança, miúdo e repetido, aproximando-se um do outro.

A Onça Olá! Como vai compadre?

O Macaco Vou indo... nem bem, nem mal!
Arrastando a vida, como
Um pobre de Deus, comadre!

A onça volta-se ao se aproximar e diz:

A Onça O meu compadre macaco
Já deve estar informado
Que vai haver uma festa,
Uma grande festa no céu.

– Todos nós, os bichos, fomos
Convidados...

O Macaco (*surpreso*)

Uma festa
No céu? Comadre Onça,
Em que dia? E até lá como
Iremos?

A Onça (*também surpresa*)

Mas no convite
A data da festa está:
É no dia dos três reinos;
No dia santo dos reinos
Da terra, do mar e do ar.

O Macaco

Mas, comadre, você disse
Que os bichos todos tiveram
Todos, sim, sem faltar um –
Seu convite para a festa;
Agora, a você confesso
Que não recebi nenhum.

A Onça

Ora, que coisa esquisita...
(*pequena pausa*)
que estranha e grande injustiça!
Convidaram tanta gente:
O timbu, o sapo, a preguiça;
Convites tem o urubu,
O bode, o camaleão,
Maritacaca e tatu;

E você, compadre, não...
 É que talvez, meu amigo,
 O seu prestígio por lá
 Esteja um tanto abalado.

O Macaco Prestígio?! Para os convites
 Não foi prestígio o critério
 Se vai a Maritacaca! (ri)
 Santo Deus! Minha comadre!
 Se convidaram o timbu
 Bicho imundo e cachaceiro;
 E ainda mais o urubu
 Que não tem muito bom cheiro.

A Onça Tem razão, compadre, tem...
 E a preguiça? Que me diz?
 Hein? Convite recebeu
 Também do céu: a preguiça...
 Uma moça, tão sem graça,
 Que a dançar nunca aprendeu.

O Macaco E o camaleão? Farsante (ri)
 Não há maior. Cada dia
 Se apresenta de uma cor;
 E como é ele avarento
 Esse tal camaleão...
 Pois vive comendo vento;
 E de vento tanto se enche,
 De tanta e tanta ambição,

Que apesar de tão pequeno
Pensa, às vezes, que é dragão.

A Onça

O seu convite não veio
Suponho eu, meu compadre,
Porque você não se emenda;
Nas festas você nem sempre
Sabe bem se comportar,
Dança muito agarradinho
Com as meninas do lugar
Gosta de fazer fuxicos,
E de as moças bolinar.

O Macaco

Se assim fosse como é mesmo
Que convidaram o bode,
Pois todo mundo bem sabe,
Que esse malandro não pode
Ver bicho-fêmeo em sossego;
Traz consigo uma quizila
Que cria casos confusos,
Que alarma, que atemoriza
Todas as mães de família.

A Onça

Então comadre o seu caso,
Só tem uma explicação:
É que nas suas conversas
Não fala por muito tempo
Sem dizer um palavrão;
E lá no céu, meu amigo,
Não se permite isso não.

O Macaco Qual nada, comadre Onça.
Sei. Bem sei de onde é que vem
Tudo isto; tudo não passa
De pura perseguição;
Certo estou que lá estarão
Todos os bichos da Estranja,
Que aqui vivem vêm tratados
Num jardim, ao passo que
Nós, os bichos brasileiros,
Vivemos pobres e sujos,
Metidos sempre em chiqueiros.

A Onça Ora, compadre, não creio,
Que haja uma tal distinção.
Nem que haja contra os bichos
Brasileiros, prevenção.

O Macaco (*se exaltando*)

Não crê. Não crê. Ah! Pois saiba:
Oh minha ingênua comadre!
Ainda há pouco: o ano passado,
Um rinoceros da Estranja,
E Cacareco, chamado,
Foi eleito deputado,
De todos tendo o louvor;
Quanto a mim, nacionalista,
Tive apenas vinte votos
Para ser vereador.
Nós, os bichos desta terra,
Vivemos como mendigo,

Essa é a verdade; não resta
 Mais, entre nós, um pingo
 De vergonha; sim, comadre,
 Tudo isto agora é do gringo.

A Onça Compadre Macaco está
 Muito exaltado, sem dúvida;
 Nossas coisas pouco influem
 Sobre o que se delibera
 No céu.

O Macaco (*ainda exaltado*)

Não me convence...
 Mas, não faz mal, não faz.
 Já estou acostumado
 Com essas injustiças, e
 Apesar de tudo lhe afirmo:
 Irei até lá, à festa
 Não faltarei, se por bem
 Não vou, eu irei por mal,
 Ou não me chamem macaco.

A Onça Bem, compadre, estou com pressa;
 Vou ligeira, ligeirinha,
 Terminar o meu vestido:
 Meu vestido de rainha,
 Que neste celeste baile
 Ninguém virá alcançar,
 Maior fama do que a minha

Adeus, até breve, ou,
 Uma vez que diz que vai,
 Posso dizer: até ao céu!
 Compadre?

O Macaco Pode dizer.
 Eu também digo: Comadre!
 Até o céu!

Saem os dois, cada um para o seu lado, saem em passo de dança; depois, por um dos caminhos, vem a cobra Caninana. Vem meio confusa e apreensiva. Do outro lado aparece a Ema.

A Ema Dona Caninana amiga!
 Vai no seu passeiozinho
 Matutino, não é!... vai...?

A Cobra Não é a passear que vou,
 Dona Ema. Para saber
 Saí. Pois saber preciso,
 Como se faz esta viagem.
 Com destino ao paraíso.

A Ema Ora, veja, justamente
 Ia eu lhe perguntar
 Sobre esse assunto, amiguinha!
 Sendo vosmecê tão ágil,
 E que tão fácil caminha,
 Pensei comigo: Ninguém
 Melhor me pode informar.

A Cobra Dona Ema, com pesar,

Não posso lhe responder;
 Somente sei rastejar,
 E assim vou de déu em déu.
 – Deste modo não é possível
 Se chegar nunca no céu;
 Vosmecê com essas pernas,
 Para uma viagem tão longa,
 Muito mais aparelhada,
 Muito mais está que eu.

Neste momento aparece o jabuti, e interrompe a conversa:

O Jabuti

A maneira de fazer-se
 Esta viagem celeste
 Se conhece há muito tempo,
 Por estas terras do agreste.
 É cousa certa e sabida
 De um bicho qualquer antigo,
 Nascido aqui no Nordeste.

É subir pela ladeira
 Deste Morro do Chapéu; (*aponta*)
 E depois de caminhar
 Muita terra, sobre a terra;
 De subir, andar, correr,
 Sucede que também vai
 A correr conosco o chão:
 Como uma grande maré
 O chão também se levanta

Até as portas do céu
 (pequena pausa)
 E vamos todos com ele,
 Todos nós, o povaréu.

Em passos de dança se reúnem e se afastam a cobra, a ema e o jabuti, à medida que, de todos os caminhos, vão chegando os bichos que se destinam à festa. O rato, a lagartixa, o cachorro saem de dentro do estábulo. Da direita, da esquerda chegam outros bichos. As aves descem do alto, e pousam no pequeno largo. Dançam todos por um certo tempo e, depois, vão se dispersando e subindo a ladeira. Quando todos os bichos desaparecem na ladeira, o pequeno largo fica vazio por um instante.

Então, de repente, o macaco, que estava escondido assistindo à dança, surge em cena, dança, faz cambalhotas, faz passos de frevo e de capoeira, acompanhados de caretas e gestos ágeis, diversos.

Pára e diz:

O Macaco Este meu plano,
 Certo e preciso,
 Me levará
 Ao Paraíso.
 Por entre os anjos
 Eu passarei
 Santos e arcanjos
 Enganarei.

A mim, no entanto.
 Ninguém engana;

Sou bicho fino
Bicho bacana,

Sou o mais ladino,
O mais feliz
Macaco prego
Deste país.

Depois dessas palavras, o macaco salta para dentro do estábulo, trepa no cocho, e atira-se na grande tina com mel de furo. Fica um instante escondido, depois sai da tina todo lambusado de mel e logo deixa-se cair na espessa camada de folhas que está por baixo da mangueira; espoja-se nessas folhas que lhe ficam grudadas ao corpo; dança dentro das folhas uma dança de chão comum nos “bumba meu boi”; com torções e convulsões corporais. Em seguida, ergue-se e volta ao pequeno pátio, dançando agora, serenamente, com o movimento de certas andaduras de cavalo (aliás em todos os passos desse bailado é preciso observar a “graça” desses movimentos animais). O macaco passa pelo largo e se dirige para a ladeira que conduz ao céu. Agora não é mais macaco, é o bicho “foiará”, a caminho do paraíso, aproxima-se da ladeira fazendo “fouettés” esquisitos e extraordinários, extraídos de rasteiras e cangapés; sobre a ladeira. Ouve-se o canto baixo das cantadeiras:

Desde que sai da tina o macaco executa a dança do Bicho Foiará.

Terceira dança particular

Cantadeiras Foiará! Foiará! Vai subindo
Pelo morro do Chapéu

Foiará! Foiará! Vai dançando
 Encoberto por um véu
 Foiará! Foiará! Vai mexido
 Como um ninho de xexéu
 Foiará! Foiará Vai subindo
 Vai subindo para o céu.

Desaparecendo o macaco, o quadro iluminado se apaga subitamente. Bastião fecha também subitamente os olhos, e como um autômato, torna a deitar-se. Faz depois movimento de quem está dormindo, espreguiça-se, boceja. O quadro ilumina-se novamente. – Bastião volta a tomar a mesma atitude anterior: – O quadro, agora, representa a região celestial: de um lado uma grande porta com dobradiças e fechaduras douradas, junto dela o porteiro do céu, dormitando. Sentado ao pé de uma grande mesa com livros está o ajudante: Anjo Custódio do porteiro que também dorme. Do outro lado se vê uma cortina, através da qual ouvem-se os sons da festa que já vai alta, pois é tarde da noite. Batem na porta. O porteiro acorda, boceja, espreguiça-se, resmunga aborrecido, mas não se move do lugar. Depois, aos poucos torna a dormir, ao tempo em que batem novamente com mais violência. O porteiro abre outra vez os olhos. Corre a mão pelo molho de chaves que pende da sua cintura, mas ainda se espreguiça, quando batem, tão violentamente, que a porta estremece; o porteiro enfim levanta-se apressado, murmurando.

Porteiro Hum! Hum! Quem será que vem?
 Tão tarde! (vai, e abre a porta)
 Entra o bicho foiará

Porteiro (bocejando, esfregando os olhos)
 Quem é? Quem é?

Como te chamas? Tão tarde! (*espia para o relógio*)

Foiará Sou o bicho Foiará!

Porteiro (*olha espantado*)

Foiará? (*pensa*) Foiará!? Nunca
Ouvi falar neste bicho
É bicho da terra ou do ar?

Foiará (*à medida que fala pavoneia-se, exibindo-se à luz brilhante do céu: as folhas secas, douradas, da mangueira, esplendem*)

Nenhum bicho sou da terra,
Da terra escura e tão feia.
Sou um pássaro da lua
Da lua brilhante e cheia.
E da alta casta lunar
Me visto de folhas de ouro.
De plumas de ouro e de prata.
O meu canto é o luar.

Porteiro Hum! Hum! Custódio! Oh! Custódio
Traz-me o livro aqui da lua
Quero ver se nele está este
Nome.
(*Custódio acorre com um grande livro*).

Porteiro (*põe os óculos, consulta o livro*)

Veremos, veremos
(*folheia o livro corre a folha com o dedo*)

Foiará... Foiará... Hum!
 Não tem... não tem... Foiará...
 Ao certo como se escreve
 Com F ou Ph?

Enquanto o porteiro do céu está ocupado procurando a palavra no livro, o macaco aproxima-se da cortina que comunica com o interior, e num movimento brusco corre-a e penetra, agora, num grande salão de dança. A festa está no seu auge. Como num grande baile de carnaval todos os bichos do mundo dançam, pulam, deslizam, executam todos os gestos graciosos, próprios de cada animal. O macaco (bicho foiará) se incorpora aos dançarinos, executa passos de frevo, esquisitos e escandalosos. A dança do macaco chama a atenção dos santos e dos anjos que ao lado assistem à festa, mudos e reservados. Nessa animação frenética de dançarino, o macaco se aproxima da onça, que brilha como uma rainha. (A onça deve ser a pintada ou a vermelha).

O Macaco (*dançando em torno da onça*)

Somos compadre e comadre,
 Moramos parede-meia;
 Batizamos nossos filhos,
 E os mesmos recomendamos,
 De manhã à estrela d'alva,
 E, de tarde, à papa-ceia.

A Onça (*assustada*)

Mas, quem é, quem pode ser?
 (*surpresa, depois, diz baixinho*)
 Mas é compadre macaco:

Com tamanha agilidade,
 Com estes gestos brejeiros
 Não há mais que duvidar:
 Disfarçado entrou no céu
 O meu compadre...

O Macaco (*chega mais preto da onça e lhe diz baixinho*)

Comadre,
 Não disse que vinha?

A Onça

Sim.
 Estou vendo, mas, compadre
 Cuidado, muito cuidado
 Com a língua para não
 Dizer tolices. Divirta-se
 Como gente séria...
(neste momento soa o alto-falante)
 e honesta.

Voz do alto-falante

Foiará! Foiará! Queira
 Ter a bondade de vir
 À portaria, com sua
 Carteira de identidade!

O macaco faz ouvido de mercador; e continua a dançar; o alto-falante repete:

Voz do alto-falante

Foiará! Faça o favor
 De comparecer aqui,

À portaria, trazendo

O seu convite para a festa.

O macaco não dá a menor atenção. Continua a dançar. Nesse ínterim, entre os santos, passa um rumor, um desassossego. São Pedro adianta-se para a multidão de dançarinos. Sonda com os olhos. Observa com atenção a dança do macaco. Resmunga qualquer coisa e diz para si:

São Pedro

Este bicho é conhecido...

No entanto... Diz que é da Lua.

Mas, aqui no céu, sabemos

Todos que a Lua é de vidro.

E lá só vivem reflexos,

Imagens. Diz que é da Lua...

(pausa)

Pôde enganar o porteiro

Porém, a mim não engana,

Ou, não seria eu um santo,

E... São Pedro, por sinal.

Aproxima-se do macaco, toca-lhe no ombro. O macaco se volta.

São Pedro

Não tenho idéia de ter

Visto nunca um bicho assim

Tão alegre e de tão bela

Plumagem, e... que muito bem

Sabe dançar e brincar.

De que recanto da Terra,

De que país, de que zona,

Veio você, meu amigo?

- O Macaco** Saiba V. Reverendíssima
Que da Terra não vim, nem
Da Terra sou.
- São Pedro** Muito bem,
E a sua graça qual é?
- O Macaco** Aqui estou, Reverendíssima,
Aqui estou para servi-la.
Sou o Bicho Foiará;
Nasci na Lua Crescente,
Casei-me na Lua Cheia,
– De tudo posso dar prova –
Pois sou um bicho lunar,
Morador da Lua-Nova.
- São Pedro** Bicho da Lua? É o primeiro
Que de lá vem até o céu,
E pelo que vejo e sinto
É grande o destino seu;
Mas então bem facilmente
Poderá, o amigo, dizer-me
De que é feito o chão da Lua;
Uns dizem que é de poeira,
Outros dizem que é de pedra,
Pelo que vejo é de folhas.
Desejo que Foiará
Me conte a verdade inteira.

O Macaco Com respeito é que respondo
 A Vossa Reverendíssima,
 Em frase curta e correta:
 Nem de poeira, nem de folhas
 É o chão do meu planeta.
 – É de merda!

São Pedro (*Erguendo os braços e os olhos para o trono celestial*)

Virgem Mãe
 Santíssima! Que heresia!
 Que dolorosa vergonha
 Ouvir-se na região celeste
 Tanta imundice! Oh! da Guarda!
 Oh! da Guarda!
 (*Entram dois alabardeiros suíços*)
 Levem daqui este bicho,
 Lancem-no do céu abaixo.

Os alabardeiros seguram o macaco e o arrastam para a porta aberta do céu.

São Pedro Não! Não! não por aí, que
 Me vai sujar a fachada
 Do céu; leve-o pela porta
 Do fundo...

Os alabardeiros arrastam o macaco para o lado contrário e com ele desaparecem. Entretanto, São Pedro, pensativo e arrependido, procura salvar da morte o macaco.

Rosas de luz afiada,
Cortante como navalha.

Roseira; manhã rosada.

Canto, canto etc.

Com o movimento dos que vão se levantando, desarmando as redes, e se aprontando para continuar viagem, termina o 2º quadro deste Boi.

TERCEIRO QUADRO

O cenário representa uma região do campo nordestino. Árvores, pedras, mato rasteiro se apresentam ao longo de um caminho, que mais além se perde numa curva, justamente por trás de uma grande pedra. O grupo do capitão, no início deste quadro, entra pela direita, devagar, espreitando de um lado e de outro, à procura do boi. Ao mesmo tempo, na volta do caminho, por detrás da pedra surge o poeta, despreocupado, sonhador. Tem uma flor na mão.

Cantadeiras	Um figurante aparece Com ar de tolo e pateta Vem desfolhando uma flor Só pode ser um poeta. Só pode ser Só pode ser Só pode ser um poeta.
--------------------	---

Poeta

O mundo todo é um jardim,
Só de uma flor, só, florido,
Mas a flor desaparece,
Em seu lugar nasce o fruto,
Logo após, este apodrece,
Deixando livre a semente,
Que sob a terra fenece
Para voltar numa planta,
E numa flor novamente.
Campo do sonho e do amor
Todo este mundo é um jardim,
Florido só de uma flor.

Ao se aproximar do grupo do capitão o poeta pára; ao encontro dele vai o capitão, e pergunta:

Capitão

O amigo é, certamente,
Morador neste lugar,
E portanto lhe pergunto
Se, acaso, encontrou um boi,
De tão manso caminhar
Que nem sempre deixa rasto
No caminho onde passar.

Poeta

Cavaleiro e capitão,
Que está viajando a cavalo,
E vai trotando os caminhos,
Queira fazer a bondade
De descrever esse boi,
E uma por uma dizer-me
Suas nobres qualidades.

Capitão Sua cor é claro – branca
Com leves manchas douradas,
Os cascos são cristalinos,
Os chifres são nacarados.

Poeta (*interrompendo, sorrindo*)

Ah! Ah! Senhor capitão!
Há muitos anos que estou
À procura desse boi:
É o animal mais formoso,
Que já neste mundo foi
Imaginado; mas, saiba:
Em vão, em vão, procurei...
E desse boi tão bonito
Nem mesmo a sombra encontrei.

Mateus (*compreendendo a fantasia do poeta*)

Amigo, queira indicar-me
Onde é que, nesta região,
Pasta o gado, pois pretendo
Adquirir duas novilhas
E mais um garrote bom,
Que fique depois valendo,
Como pai no meu curral,
De muitos filhos e filhas.

Poeta Gado? Por aqui, há muito
Que não pasta mais o gado:
Somente, de vez em quando,
Pela curva do valado

Se vê um boi de perneira,
 Um bezerro transviado
 Passear de motoneta,
 Ou uma vaca fardada,
 De pêlo e de cara preta;
 Mas, gado mesmo não há.
 E um boi assim tão bonito,
 Como vocês descreveram,
 Há muito que não se encontra
 Em terras de Pernambuco.

Bastião (*puxando pela manga do capitão*)

Ih! Ih! Este de onde veio?
 Meu capitão vamos indo,
 Que este sujeito é maluco...

Capitão (*estendendo a mão ao poeta*)

Bem, obrigado. Até...

(*o poeta continua o seu caminho, desaparece*)

Mateus (*passando rapidamente a mão pela cabeça e olhando para cima*)

Vôtes!!...

Bastião

Que foi?

Mateus

Aquele bichinho
 (*aponta para uma patativa que está num ramo*)
 Pingou na minha cabeça.

Bastião Ora, Mateus, se console
Dessa má sorte imprevista.
Pois imagine que o pingo
Podia vir de uma vaca
Fardada e pára-quedaista.

Cantadeiras

Anda perdido o engenheiro
Por estes campos sem fim
E o seu instrumento armou
Ao pé de um pé de angelim

Mas anda tanto por fora
De tudo que há por aqui
Que guaratã e angelim
Chama de camassari.

*Logo aparece um engenheiro com uma baliza na mão.
Olha freqüentemente para um ponto fora de cena. Vacila na
colocação da baliza. Enfim, se resolve e fixa-a no chão. Vai
sair quando o capitão interroga-o.*

Capitão Você que fica no campo
Todo dia a trabalhar
Entre muitas, muitas coisas,
Um boi branquinho e dourado
Deve ter visto passar.
E se não viu, pelo menos,
Nos vales desta região,
Vestígios de um boi fugido
Deve ter visto no chão.

Engenheiro

Trabalho de sol a sol,
De sol nascente a poente.
Sol da manhã; sol da tarde.
Do clarear ao escurecer,
Tantos sóis se sucedendo,
Na atividade de um dia!
No meu trabalho no campo
Tenho visto passar tardes
Douradas, sombras macias;
Nuvem de ouro do nascente
Ouro em luz crepuscular.
Mas um boi branco e dourado
Não, não vi, não vi passar!

Capitão

Mas pergunto se não vi
Nas serras por onde andou
Um rasto novo e macio,
Qualquer coisa de brilhante
E iluminado?

Engenheiro (*pensativo*)

Não vi.
Vi muito rasto de cobra,
Cotia, paca e tatu;
Muita vez ouvi correr,
Por cima das folhas secas,
Um rumor de rapidez,
Como a pista de um teju;
Nas terras baixas, nas várzeas
Encontrei marcas de escamas,

Achei ninhos de nambu
 Mas sinal, um só sequer,
 Da passagem mais ligeira
 Desse boi, não... não... nenhum.

Bastião

Sua passagem na relva
 É marcada com o risco
 De um raio: fogo celeste;
 É um traço permanente,
 Luminoso, transparente,
 Como a trilha de um corisco.

Engenheiro

Vi o rasto dos riachos
 Crescendo feito torrentes.
 Rasto de vento nas dunas,
 De chuvas que do alto vem.
 Nas estradas de rodagem,
 Nos trilhos das ferrovias,
 Rastos de carro e de trem.
 E nas areias da praia
 Rasto de mar vi também.
 Mas esta linha marcada
 De cor, e de luz queimada,
 Que pelo chão traçou um
 Fogo do céu, não vi.

O ambiente começa a se alterar na sua luz como se fosse o início de uma tarde. Uma luz nova, diferente, uma luz eletrônica, moderna, dando a impressão de que se vai chegando a um tempo de magia. Esta luz dá a impressão de um tempo novo, e modifica o aspecto, as sombras das coisas e dos seres em geral.

Essa transformação vai se intensificando na medida em que prossegue o desenrolar da peça. A sucessão das cenas contidas nesta peça pode ser conseguida por superposição delas (estratificação das cenas com os personagens caminhando), ou fazendo correr o cenário, as personagens fingindo que caminham, ou mais realisticamente, com o emprego do “teatro da rua”, que é o “clímax” normal do “bumba meu boi”. Enquanto a luz vai assim se transformando, o engenheiro pede licença para se retirar, e caminha para onde está o seu instrumento que deve ficar fora de cena.

Engenheiro Mas já vai ficando tarde...
 E estou demorando muito
 Na estação que fiz, ao pé
 Do enorme camassari;
 Os senhores me dão licença,
 Pois devo ir para ali.
 (aponta)

O engenheiro sai e o grupo do Capitão prossegue na sua procura do boi. Na luz, agora transformada, surge de um salto uma inesperada figura. Em saltos e cambalhotas se aproxima de Mateus e de Catirina, junta-os num grande abraço. Está vestido como um palhaço, fala de um modo geral e depois dirige-se para onde está o Capitão.

Cantadeiras (enquanto o palhaço faz cambalhotas)
 De um circo da redondeza
 Foi de onde veio o palhaço,
 Trazendo rastos de nuvens
 Com penas de passarinhos.

Da cana, rasto em bagaço,
Rastos dos próprios caminhos.

Palhaço

Uma coisa deste mundo
A que mais desprezo tenho,
Meus senhores, é a burrice;
A um poeta, a um engenheiro,
Pelo destino de um boi,
Perguntar! Oh! Que tolice!
Resolvi assim, Capitão,
Vir direto ao seu encontro,
Para informar como deve,
Neste caso proceder.
E também para dizer,
Que apanhei, pelos caminhos,
Vários rastos: e um, por certo,
Do boi perdido há de ser.
Façamos um chá de rasto,
Bebamos depois o chá:
Que assim se pode saber
Aonde o boi deve estar.
– Seja touro de São Marcos
Ou novilho marruá.

O Palhaço tira das fraldas (abas) do largo paletó uma chaleira. Agacha-se a um canto para fazer um foguinho e preparar o chá. Mateus vai sobre ele com a bexiga, mas o palhaço se salva com uma cambalhota.

Bastião (intervindo)

Mas vamos fazer o chá,

E vamos depois bebê-lo.
Bebendo este chá de rasto,
O nosso boi fica preso,
Retido mesmo no pasto
Onde agora ele estiver.

Palhaço

Está certo, Bastião,
Façamos; pois esse chá
Atua como oração
Que prende o bicho no pasto,
Que amarra o gado no chão.
E a caça, que se procura,
Fica encerrada na trilha,
Tentando fugir em vão;
E digo aos senhores todos;
Neste chá de água dormida
Boto as forças do feitiço,
Boto as linhas da muamba
Que vão desfazer enguiços,
Desfazer fama de bambas;
Boto choro de criança,
Boto cera de defunto,
Para que todo o afastado
Acabe ficando junto;
Por mais fé, mais confiança,
Boto cravos de noivado,
Boto leite de mulher;
E o anúncio desse boi,
Vindo no arco da aliança,

O achado do perdido
Fica aonde se quiser.

Capitão (*ordena*) Vamos fazer este chá.

O Palhaço e Bastião preparam o chá. O primeiro finge que faz um fogueiro, reunindo gravetos. Risca um fósforo. Põe, em cima do fogo, uma chaleira imaginária. Depois prossegue o ritual, gesticulando, à medida que fala.

Palhaço Água primeira,
 Água segunda,
 Água terceira,
 Água que inunda,
 Faz erosão.
 Água que cai,
 Rola no chão.

Palhaço (*prossequindo*)

 Água fugida,
 Água malvada,
 Água partida;
 Em três jornadas
 Correndo vão.
 Junto à malhada
 Se encontrarão.

Bastião (*se aproximando, continua*)

 Esta água desperta
 Desceu da goteira,
 E o rosto molhou

De mulher faceira;
 Esta aqui, selvagem,
 É de cachoeira,
 E ficou danada
 De chorar sem fim
 Pela noite inteira;
 Esta outra a mim,
 A minha mão chegou,
 De origem esquisita:
(Bastião afasta-se)
 Retirei do banho
 Da moça bonita.

Catirina *(aproximando-se)*

Para que a virtude
 Deste chá não seja
 Desviada ou lenta
 Aqui se acrescenta
 Um pouquinhozinho
 Também de água benta.

Palhaço *(aproxima-se; finge que retira do bolso uma caixa e dentro dela, coisas que vai enumerando)*

Resto de nuvem,
 Rasto de vento
 Na areia solta,
 Rasto de lã:
 Pêlo de cabra
 Cabra marrã.

Rasto, sem rumo,
De boi perdido
Por esta chã.

Bastião (*chega-se, finge que tira da caixa do palhaço outros rastos*)

Rasto peiado,
Rasto cansado,
Torto, cambado;
Rêlha de arado
Cortando a massa
Do massapê;
Pelo mugido
O boi, distante,
Perto se vê,
Ou se verá,
Se encontrará
Junto da moita
De mussambê.

Catirina (*com os mesmos gestos de Bastião*)

No altar da igreja,
Como convém,
Rasto de padre
Dizendo: amém.

Palhaço (*finge que tira do bolso um pano, estende-o, e entrega ao capitão*)

Capitão, agora,
Neste pano coe
Este chá fervido

Que este chá bebido
 Faça vir o boi.
 Este boi querido,
 Este boi sagrado,
 E que seu mugido
 Pelos ares soe.

(Ouve-se o mugido de um boi.) Param todos, de olhos arregalados. Depois, espantados, espiam em torno. Bastião e o palhaço apressam-se em acabar de fazer o chá, que o Capitão coa, e depois, vertido em xícaras imaginárias todos bebem:

Bastião Que este chá bebido
 Faça vir o boi
 E que o seu mugido
 Pelos quatro cantos
 Do país ecoe.

Ouve-se novamente o mugido de um boi. Agora mais forte e mais próximo. Todos param, outra vez, surpresos. Bastião e o Palhaço decidem-se, por fim, e saem correndo de cena.

A tarde mágica continua a descer. A luz apresenta aspectos estranhos de brilho e cor. As sombras se movem, como animadas de um vento invisível. Passado um certo tempo volta Bastião, triste, desanimado.

Bastião O mugido que se ouviu
 Não era do nosso boi.
 Era o de um simples garrote
 Que na cerca de uma horta
 Se enganchou. Como é estranho
 Tudo, tudo isto, capitão!

Bebemos o chá de rasto
De um boi matreiro e ladrão.

O grupo continuava a caminhar naquela tarde mágica de luz mágica, como já se tratasse de um tempo passado. As cantadeiras cantam:

Cantadeiras Depois da Noite de Festa
Quanto tempo que passou.
Faz três meses ... quase três...
Que o boi sagrado escapou.

Há muito, muito se foram
Santos Reis e São José
Num inverno, bom, chuvoso,
Não há mais quem tenha fé.

Pois desde Santa Luzia
Às festas do carnaval,
Ao relento não se alteram,
As seis pedrinhas de sal.

Veio a Quaresma sem chuva.
No céu limpo, todo azul,
Chegou a carta da seca
Voando no vento sul.

Após o canto das cantadeiras, aparece à distância uma forma esquisita, lembrando um homem de duas cabeças. Aproxima-se, como se fosse atuado, impulsionado pelo vento. Verifica-se que é um rei de baralho. O capitão vai até ele.

Capitão

Majestade, sois um rei,
Senhor de grandes estados,
E nos ajudar podeis.
Emprestai-nos vosso exército,
Vosso luzidos vassalos,
Vossos fiéis cavaleiros,
Montados nos seus cavalos;
Vossos valentes guerreiros,
Com suas lanças famosas,
Emprestai-nos por um dia.
Majestade, sois um rei,
Tendes valor, galhardia;
Emprestai-nos por um dia,
Vossos cachorros de caça,
Os açores e falcões,
Com que fazeis pelos montes,
Caçados de alteneria.
Majestade, sois um rei,
Senhor de grandes estados.
Com todo o vosso poder
Ajudai-nos correr campo,
Em busca de um boi sagrado,
Que fugiu e se perdeu
Na sombra das serranias;
Majestade, vamos todos,
Vamos todos à porfía,
Por ladeiras e valados,
A buscar esta alegria;
Majestade, sois um rei.

Tendes poder verdadeiro
Gentileza e varonia.

Rei do Baralho Meu Capitão permiti-me
Dizer-vos que agora em mim
Todo este poder é falho:
Sou rei, no reino do acaso,
Sou rei, mas rei de baralho.
Meus cavaleiros de agora
São cavaleiros de indústria,
Ou são apenas bandalhos.
Meus clarins, minhas trombetas
Não valem mais um chocalho;
Da minha antiga armaria,
De tantas lanças e espadas,
Não sobra mesmo um chanfallo.
Tudo perdi; hoje, pobre,
Sou um boneco nas mãos
De um simples croupier de jogo,
E num cabaré trabalho.
Sou um rei arruinado,
Um pobre rei de baralho.

Mateus Majestade: ainda tendes
A vossa sorte na mão:
No jogo das três carinhas
Vale o rei, vale a rainha;
Ainda podeis ser trunfo
Ainda podeis dar sorte,
Ter honra, glória e triunfo.

Bastião

No mundo do que há de vir
Tudo é, tudo não é;
E tudo pode e não pode.
Senhor Rei, neste momento,
Uma pergunta me acode:
Será que não poderemos
Jogar a sorte do boi
Na carta que agora vemos?

Rei do Baralho

Não tenho copas nem ouro,
Nem a força de um curinga.
Sou rei de paus, rei do povo.
Não tenho mesmo o valor,
Que, às vezes, tem simples ás;
No entanto podeis jogar
Se confiante estais;
Serei assim, se quiserdes,
Como uma carta orelhada,
Ou melhor, mais certamente,
Como uma carta guiada,
Em que se joga na certa
De ganhar toda parada.
(pausa)
Assim fazei vossos jogos.
(se reavisando)
Mas, um momento... um momento
(pequena pausa)
A jogada é mais que certa:
É um rei que vai sair.

O prêmio é que será
 Conforme a coisa aconteça:
 Pode ser o boi sagrado,
 Pode ser o lobisomem,
 Ou a mula sem cabeça.
 Está entendido? ... Jogai...

O rei-carta deita-se no chão, de bruços, expondo o dorso de uma carta de jogar. Sobre ela o capitão e os seus assistentes vão, cada um por sua vez, fingindo que põem os valores de suas respectivas jogadas. A forma desse rei de baralho deve ser de natureza a que esse movimento não seja difícil.

Capitão Jogo aqui, nesta parada,
 Minhas esporas de prata.

Catirina Nesta jogada ponho o
 Meu novo corte de chita,
 Meus colares de miçangas,
 Meu grande laço de fita.

Mateus Meu chapéu de couro apostado,
 Minha vara de vaqueiro.

Bastião Jogo o conforto que tenho
 No meu mocambo de palha.
 Jogo a sombra da mangueira,
 Que o meu quintal agasalha.

A um gesto do Capitão, o rei-carta salta; ergue-se do chão de repente, e, em vez de rei de paus, é um valete de copas que aparece.

Todos Ora! É um simples valete!
 Perdemos! Perdemos tudo.

O valete de copas fugindo faz um gesto com os braços como a querer dar uma figa ou uma banana.

Rei Rei não sou
 Nem sou rainha,
 Sou mesmo é valete
 De copa e cozinha.
 (*desaparece*)

Aparece pela direita um cavalo de carrossel. Na sua marcha circular, subindo e descendo, e, ao mesmo tempo, com movimento de báscula que imita o galope. Sempre no seu movimento circular aproxima-se do grupo do capitão:

Cavalo de Carrossel

Andar léguas é preciso
 Mas sem sair do lugar,
 Andar distâncias infndas
 Sem mesmo o passo mudar:
 Eis o progresso, a vantagem
 De viver a circular.
 Vivo assim, vivo girando,
 E tudo passa rodando,
 Passa em torno, passa em ronda,
 Como uma dança de vento,
 Como uma letra redonda;
 A girar giro-girando,
 E a tudo assisto e conheço;
 Outras terras, outros países;

E a mirar miro-miragens
 De outros seres mais felizes;
 Se quiserem vir comigo
 Verão tão belas paragens,
 Que pelo mundo não mostram
 As mais longínquas viagens.

Catirina Quero ver essas paisagens
 Viajar, quanto desejo!
 Neste tão veloz corcel;
 Montada neste formoso
 Cavalo de carrossel.

Cavalo *(para Catirina)*

Ponha a mão na minha sela,
 Feche os olhos, erga o rosto,
 Que vou correr, correr mais
 Que o vento do mês de agosto.

*Catirina põe a mão na sela, fecha os olhos, ergue o rosto.
 Catirina fica em atitude de quem está viajando, montada a
 cavalo. Este parte, e faz o seu giro uma, duas, três vezes.*

Cavalo *(chegando novamente ao ponto de partida)*

Pode apear, Catirina,
 Sua corrida acabou
 Sua visão de outras terras
 Mesmo agora terminou.

Capitão Que foi que viu, Catirina,
 Nas terras por onde andou?

Catirina

Vi os rios que cortaram
 Descerem todos, descerem,
 Num correr de águas gerais...
 A chuva reproduzir-se
 E refazer-se, subindo
 Na chuva dos milharais.
 – A terra toda sorria –
 Passavam homens, mulheres
 Que eram vaqueiros, pastores;
 As árvores se despiram,
 Mostraram as suas flores!
 Vi nascer espigas,
 Vi nascer meninos,
 Vi nascer amores.

Cavalo

Mateus, Mateus, agora
 É a sua vez de correr:
 Segure bem nessas rédeas;
 E firme-se bem na sela,
 Corrida veloz vai ser.

O cavalo do carrossel corre, corre, e dá três voltas como no movimento anterior. Volta ao local onde está Mateus.

Capitão

E tu, que viste, Mateus?

Mateus

Vi um país!
 O país onde crescem as vinhas do ódio,
 E os lagos da tragédia se refletem
 Na face da jovem morta;
 E os ônibus do desespero

Partem sempre à meia-noite,
 Para os subúrbios da ambição.
 Vi um jardim:
 O jardim de rosas tatuadas de sangue;
 Vi corpos negros sangrando;
 No escuro de tantos rostos,
 Um rosto branco
 Também sangrava!

Cavalo (*para Bastião*)

Bastião, pode montar,
 Firme-se bem nos estribos,
 Passe a mão nas minhas crinas
 Que vamos partir, partir...

O cavalo gira de novo, passa três vezes em roda e volta a posição onde está Bastião.

Cavalo Bastião esta viagem
 Por mais uma vez findou.

Capitão Bastião, conte o que viu
 Nesses países de longe,
 Para onde você partiu.

Bastião Por uma região futura,
 De mil anos futura passei;
 No ar da cor de ruído e chumbo
 Grandes aves voavam
 Aos montes, como peixes fora d'água.
 Homens asfixiados agonizavam;

Do ar, queimado, a cinza espessa pesava;
 Das árvores mortas, samambaias
 De luz fria pendiam;
 Em grupos, em massas,
 Torcidos, envenenados,
 Os homens morriam.

Capitão E o boi ninguém viu?

Todos (*confusos, se entreolham*)

Aaahh!
 ... O boi?... o boi não vimos.

Cavalo do Carrossel

Se visto não foi,
 Nas terras que andaram,
 É porque este boi
 Morreu!

Todos (*cabisbaixos*)

Este boi morreu!

Nesta situação, acabrunhados, estão o capitão e os seus amigos, quando aparece diante deles um ser; uma figura que tem a expressão humana, e está continuamente a fazer gestos como se plasmasse de ar objetos diversos. No momento, fez a forma plástica de uma viola e finge que toca. É o “brinquedo de esconder”. O corpo tem pintado: metade branco, metade preto. A projeção do seu corpo num fundo preto pode fazer valer somente a parte branca. Acompanha-o um cachorrinho.

Brinquedo de Esconder

O boi não morreu, está
 Escondido e sei onde
 Escondido, sim... procurem...
 Mas digo também que estão
 Frios, muito frios...

(Durante todo o tempo que fica em cena o Brinquedo de Esconder molda, com as mãos, objetos que finge depois esconder; molda uma viola, finge tocar e depois esconder, etc.)

Capitão

Quem
 É você que sabe que
 Procuramos um boi?

Brinquedo

Eu?
 Sou Brinquedo de Esconder,
 É assim muito possível
 Que saiba os cantos, recantos
 Aonde as coisas se escondem;
 Que saiba, precisamente,
 Que por esses pés de serras
 Está um boi escondido.
 E... um boi branco e dourado.

Mateus

Sendo assim, o meu amigo,
 Conhecer deve também
 Quem este boi escondeu.

Bastião *(aparte para Catirina)*

Se não me engano esse tipo

Deve ser mestre caipora;
Foi ele quem deu sumiço
Ao boi; ele deve ser
O autor de toda essa história,
Pois de esconder as coisas
Sempre foi o seu papel.

Catirina (*aparte para Bastião*)

Assim de preto e de branco
Não pode deixar de ser;
E o cachorrinho que traz
Com certeza é o papa-mel...

Brinquedo

Quem escondeu este boi
Foi o Diabo Anhangão;
Levou-o para a fazenda
Onde mora o seu irmão:
O boi bonito e dourado,
Na Fazenda Tentação,
Está jungido no carro:
É hoje boi de cambão.

Capitão

Essa fazenda está longe?

Brinquedo (*gesticulando, indicando*)

A fazenda está bem perto:
Duas distâncias ao norte,
Duas distâncias ao leste,
Um galope para o sul,
Baixo e meio para o oeste;

Seu Capitão colha as rédeas,
 Chegue as esporas de leve,
 Pois nesse frio inclemente
 De tanta inútil procura,
 Se meus caminhos seguirem
 Acabam ficando quente.

O Brinquedo de esconder orienta Mateus para a direita, Catirina para a esquerda. O Capitão para a frente, e Bastião para trás; traça no chão, com giz, as direções dos caminhos.

Brinquedo (*à medida que vai traçando no chão*)

Este é um caminho esquecido,
 Ainda do tempo dos índios,
 Onde não vão caçadores.
 Esta uma estrada perdida,
 Furada no mato virgem,
 Freqüentada de pavores;
 Esta é a vereda fantasma,
 Desaparece e aparece,
 Conforme a luz e o calor.
 E esta aqui é uma trilha
 Que só aparece quando,
 No céu, lua cheia brilha.

O Brinquedo dá a mão a um dos comparsas. Forma com eles uma roda que se aproxima e se afasta do centro de um desenho feito no chão.

Brinquedo Vamos aqui, vamos lá!
 Aonde o boizinho está!

Todo o grupo se move dançando sobre as linhas traçadas.

Brinquedo Agora dois passos mais,
 Agora sim mais além.
(pausa)
 Agora, agora mais dois,
 Mais um, mais dois... alguém,
 Não... Não... assim... porém.

Ao seguir as indicações do Brinquedo de Esconder, todos os do grupo do Capitão ficam como se estivessem de olhos vendados, andando às apalpadelas. Acabam chocando-se uns com os outros.

Neste andar assim tateando, experimentando os caminhos, depois de vários passos e contrapassos chocam-se mais violentamente em meio da cena e caem todos. O próprio cavalo marinho cai ajoelhado.

Brinquedo Oh! Estão frios, muito frios!

Bastião levantando-se, desloca-se para um lado, inesperadamente.

Brinquedo Oh! Oh! Agora Bastião!
 Está quente, pegando
 Fogo!

Brinquedo *(continuando a observar o movimento de Bastião).*

Ora, está frio de novo.
(pausa)
 Há outros caminhos para irmos
 Ao encontro deste boi,
 Podemos ir pelo fogo,
 Sobre o queimar das coivaras.

Podemos ir pelas águas
 Ao poço dos afogados.
 Podemos ir pelo aceiro
 Das matas envenenadas;
 Pelos caminhos da noite,
 Pelos caminhos do sono,
 Podemos ir, que podemos.

Reúne novamente as mãos dos dançarinos.

Vamos aqui, vamos lá
 Aonde o boizinho está

O Brinquedo, ao mesmo tempo que fala, marca compassos de dança que indicam desejos veementes de caminhar, mas também de morrer. Num dos seus passos, a sua figura acaba se projetando sobre uma mancha de sombra ao fundo. O seu lado escuro desaparece. Todos olham espantados. O “brinquedo” marcha e dança agora só com o lado branco: é o caipora.

Bastião O caipora! bem que disse,
 Não me enganou o ladrão.

Todos É o caipora! Caipora!
 O próprio Diabo Anhangão.

Andando, praticamente saltando num só pé, o caipora (Brinquedo de esconder) desaparece na sombra.

As cantadeiras cantam.

Cantadeiras Chegamos ao fim da tarde.
 Subindo vai, noite azul;
 As nuvens vão navegando
 Ao sopro do vento sul.

E vem no vento, fugindo,
Um som de sino pascoal,
Aleluia! Aaleluia!
A terra canta um coral!

E o boi perdido onde está?
Foi a nuvem que o apagou?
Levado em sinos de vento
No som do sino voou...

O grupo do capitão aparece numa curva do caminho ao lado de uma pequena casa. Junto à porta, protegido por uma latada, está um “judas”, um “judas” de sábado de aleluia. Tem o rosto lívido, pintado de alvaiade, com a boca vermelha e grande.

Capitão Que horas são?

Bastião Horas de tempo?
Tempo não é mais de horas:
Estão dormindo os relógios.
(*ouve-se, longe, som de sino*)

Capitão (*cansado, surpreso*)
Mas, que é?

Bastião Os sinos que tocam.

Catirina No sábado de Aleluia!

Mateus Quem havia de dizer,
Que já chegamos ao fim

Da quaresma. Que Deus
Nosso Senhor nos acuda.

Capitão (*tirando o boné*)

Deus Nosso Senhor nos salve
Dessa penitência. (*percebe o judas*)
Um judas!
Quem pôs aqui este judas?

Bastião

Deve ter sido lembrança
Daqueles que nos ajudam...
E que estão sempre ajudando
A nossa terra tão seca...
Isto faz trezentos anos.

Catirina

É um sinal, um emblema
De tanta ajuda, este judas?

Capitão (*faz um sinal para que se calem e dirige-se ao judas*)

Senhor Judas, que faz aí
Encostado no portal?
Por acaso não ouviu
Tocar o sino: Aleluia!?

Judas

Estava ali pendurado
(*indica com a mão para fora de cena*)
Naquele poste da estrada,
Quando choveu, corri aqui,
Com medo de um resfriado.

Todos (*mas cada um por sua vez*)

(*menos Bastião*)

Choveu?!

Choveu?!

Mas ... Choveu?!

Bastião

Choveu. Sempre chove

Para o Judas do lugar;

São sempre boas, chovidas,

Suas terras de plantar.

(*pausa – Estendendo a mão para ver se chove*).

Chove. Chove. Chove. Toco

No chão, nas pedras, nas árvores:

Estão molhadas sim, chove...

Chove. Chove o dia inteiro;

Está chovendo, chovendo...

Chovendo trinta dinheiros...

Essas terras, essas árvores

São chuvas; ouço o estalar

Dos ramos, ouço o bater

Das gotas. Está chovendo

Três vezes trinta dinheiros...

Todos

Está chovendo. Chovendo

Três vezes trinta milhões

De dinheiros...

Capitão (*para o Judas, fazendo sinal para que os outros se calem*)

Senhor Judas

Por ... acaso ... viu ... passar
 Por ... aqui ... um boi ... dourado?

Judas (*ouvindo as palavras do capitão toma-se de grande pavor. Com os olhos esbugalhados e a boca larga exclama*).

Um boi? Vi! Um boi de fogo ... um
 Boi feroz para mim avançou,
 Furioso, e quis matar-me...
 Quis matar-me. Lá! Lá! Está lá!
(faz sinal para determinado lugar)
 Está lá, deixei-o lá deitado.

Diante do espanto e do pavor do Judas, o grupo do Capitão se recolhe e recua; vai recuando aos poucos em harmonia até sair de cena. O Capitão e os seus tendo saído recuando pela esquerda, deixam o Judas encostado no muro da casa, novamente imóvel, inerte, uma luz incide sobre ele, metálica, lívida; o seu rosto exangue, tem um ricto de desprezo e dor; neste momento no alto se ouve uma voz que declama:

(Soneto do suicida)

Voz Com minhas próprias mãos abro esta porta
 Que dá para o jardim do esquecimento,
 Onde vejo a cisterna e vejo a horta
 De água e fruto inválidos. Movimento

De asas infinitas os ares corta,
 E fecha o meu aberto pensamento
 No ponto essencial da linha torta,
 Que do ser é limite e acabamento.

Com minhas próprias mãos cultivo a terra
 Da morte: a terra ex-terra, a finis terra,
 E o adubo da Imemória manuseio.

O gesto de lançar uma semente
 É como um gesto de adeus; só e ausente,
 Neste jardim, eu próprio me semeio.

O Judas de sábado de Aleluia ergue os braços, faz uma pirueta e num movimento ondulado e gracioso projeta-se sobre o solo. A cena escurece de repente. Logo depois, ilumina-se novamente. Agora se vê o boi do presépio deitado como morto sobre um monte de palhas. Aparece a figura do ervanário. Aproxima-se do boi, trazendo dois cestos cheios de ervas, pendurados de um calão apoiado no ombro esquerdo. Usa alpercatas, chapéu de couro. Tem a roupa cheia de remendos.

As cantadeiras cantam:

Cantadeiras O curandeiro veio,
 O curandeiro foi,
 O curandeiro chega
 Para salvar o boi.
 Para salvar a vida,
 Nessa nova era,
 Para salvar o povo
 Que por ele espera
 No seu Herbário
 De Ervanário
 Tem ervas e sementes,
 Tem cascas e raízes,

Que existem somente
 Em distantes países.
 O curandeiro veio
 ...etc

Ervanário (*curandeiro*)

(*aproximando-se fala em solilóquio*)

Como é bonito este boi!

Não está morto. Seu pêlo, seus chifres estão

[vivos...

E a alma só abandona o corpo quando morre

[tudo.

(*põe a mão sobre a cabeça do boi*)

Boi! Meu boi! Que sentes?

Eu estou aqui para te servir.

(*pausa*)

Não sou doutor, nem mágico,

Nem feiticeiro; sou um ervanário,

Um simples curandeiro...

Nada sei das grandes ciências

Dos doutores que curam sempre os seus

[doentes,

E, quando sucede que eles morrem,

Morrem sempre curados...

Não tenho a experiência

Dos hospitais de caridade,

Onde os doutores examinam e aperfeiçoam

Os seus meios, os seus instrumentos, as suas

[drogas,

Para, com segurança, utilizá-los depois

Nos seus clientes ricos...

Sou um ervanário; possuo ervas poderosas:

A arruda que é contra os feitiços.

O mastruço que combate os males do peito,

O capim santo, a erva cidreira...

Tenho ainda cascas, raízes, favas e resinas.

(pausa)

Boi! Meu boi! Parece que estás dormindo...

Dormindo de um sono que não é o da morte,

Dormindo de uma dormição que não é deste

[mundo.

Se fosse doutor faria uma transfusão de sangue;

Seria fácil, pois há muito sangue

Nos açougues e nos matadouros...

Muito sangue; há até armazéns de sangue

[humano...

Às vezes, com este humano sangue,

[criminosamente,

Se consegue fazer um patê delicioso;

Manjar, não raro, na mesa

Dos grandes capitalistas.

Enfim, onde há tanto sangue,

Não é de todo impossível que com ele se faça

(ri)

De vez em quando, um pouco de sarapatel.

(pequena pausa)

O homem é o mesmo desde os tempos

[primitivos,

E sempre gostou muito de sangue.

O curandeiro chega-se mais ao boi, observa-o atentamente. Neste mesmo momento vão aparecendo também, lentamente, e em semi-círculo: o Capitão, 1º Mateus, 2º Mateus, Catirina e Bastião. Aparecem, e param contemplando de longe o boi e o ervanário.

O Capitão e o seu grupo começam a dança da aproximação.

Quarta dança particular

Ervanário (*contemplando o boi*)

Mas que boi bonito! E dormindo!

Está dormindo, e como todo o sono

Tem uma vida, está vivendo a vida deste sono.

O curandeiro mexe no cesto de ervas de onde tira uma:

Ervanário (*contemplando o boi*)

Esta é a erva de Santa Maria.

A erva e o gesto da minha mão esquerda,

Com que foi colhida, ao amanhecer,

Entre duas naturezas de orvalho:

O seu uso provoca um alívio, uma santidade

Nas condições do ser.

(oferece ao boi a erva)

Não queres? – Por que não queres?

Eu sou um curandeiro,

Mestre da vida produtiva,

E contra todas as vidas que destroem;

Mestre da vida e do sono,

Estou aqui para conhecer as raízes do teu sono.

O curandeiro volta a procurar no cesto. Retira dele uma raiz.

Ervanário (*curandeiro*)

Aqui tens: é uma raiz.
 Chama-se Raiz de sol,
 E te fará perder o peso de todas as angústias;
 Ficarás leve, livre de tudo
 Que é pesado e amargo;
 Experimenta esta raiz...
 Perderás o peso deste sono,
 Dormirás depois num outro sono, mais leve...
 E numa sucessão de sons,
 Cada vez mais leves,
 Acordarás! Experimenta!
 Acordarás na vida: o mais leve dos sons.

Quando o curandeiro diz “acordarás” pela primeira vez, o grupo do Capitão, que estava imóvel volta a se mover de modo lentíssimo, se concentrando para onde estão ervanário e boi.

Ervanário (*curandeiro*)

Só existe o sono, só existe a morte.
 Os que vivem são os que trazem
 A morte encoberta, embuçada na vida.
 São os que a morte consente...
 (*pequena pausa*)
 Não há saudade, não há memória,
 Nem gratidão, nem remorso,
 Que faça ampliar as fronteiras da vida,

Da vida de cada ser;
 Nem nunca se chegará
(neste momento o grupo pára)
 Ao que há de fechado em cada um;
 Nem haverá ruído que desperte
 O profundo silêncio de cada um;
(pequena pausa)

Boi, meu boi, estou aqui para te saber.
 Para contemplar o silêncio de tua verdade,
 Recuperar a saúde do teu silêncio.

Quando o curandeiro diz “silêncio”, o grupo do Capitão se põe novamente em marcha de extrema lentidão, na direção do boi e do ervanário, que retira do cesto uma outra erva.

Ervanário *(curandeiro)*

Esta é a erva que fortalece o silêncio,
 Que conserva a humildade
 E estimula os germes mais fundos da intimidade;
 Tem um cheiro bom, um cheiro *(cheira a erva)*
 De capim molhado, de terra chovida,
 De água infiltrada no mistério
 Das terras virgens, sedentas;
 Ela te fará sentir um frio,
 Um tremor que animará o teu silêncio...
 E este silêncio se concentrará numa pressão
 Tão forte, que há de explodir num som ...
(o grupo pára)
 Num mugido.

(põe a erva entre os chifres do boi e espera, mas o boi continua imóvel e mudo)

O teu silêncio está mais fundo
 Que o das mais fundas raízes. *(pausa)*
 Meu boi, estou aqui para te saber...
 Mas, o saber é triste ... triste ...
 Porque o saber humilha os que não sabem.
 Os que têm os olhos abertos e não vêem.
 Os que prestam muita atenção sem compreender.
 – Saber é penetrar numa solidão.
 Numa solidão terrível ... fascinante! *(pausa)*
 Pelo que vejo estás sofrendo
 É de fascinação ... Talvez...
 Que olhar? Que luz te fascinou?
 Não! Estás fascinado por uma coisa absurda;
 – O absurdo sempre fascina. É como o abismo!...
(pausa)
 Há uma história do que passa e não volta,
 Uma outra do que sempre se repete;
 Mas há ainda outra: a do que nunca
 Sucede, nem sucederá!

Ervanário *(curandeiro)*

(tira do cesto um ramo de rosas murchas).

A história desta roseira, por exemplo,
 É um resumo dessas três histórias.

Nasceu, avançou os seus ramos, as suas folhas
 No ar, no vento, na chuva, na vida e na morte;

Na ambição e na vaidade dos homens.
 Avançou, se estendeu em rosas.
 E estas rosas que vieram, de roseira em roseira,
 Até aqui, e aqui murcharam,
 Estas rosas murchas te poderão curar
 Desta fascinação.

(oferece o ramo de rosas ao boi que fica impassível)

*Quando o curandeiro diz fascinação, o grupo do Capitão
 recomeçou a se mover, como das vezes anteriores.*

Ervanário *(curandeiro)*

Não te moves. Não sentes a influência das rosas.
 Então o que tens é um sonho...
 Teus olhos fechados estão abertos para um
 [sonho
 Que te impede de acordar?
 Ou ... talvez, seja o contrário: sentes a falta de
 [um sonho;
 Um sonho que o teu sono procura sem
 [encontrar.

(pausa. Olha para o cesto)

Aqui tenho uma erva que te fará sonhar!

*(tira do cesto uma erva, e com uma voz mais surda, olhando
 para os lados com receio e medo)*

É a Marijuana – erva do sonho!
 É uma planta fácil, nasce em qualquer canteiro
 Cresce em qualquer monte de terra;
 Dispensa cuidados: Não precisa estrume, nem
 [rega.

É a Marijuana – a erva do sonho!
 É uma erva do povo, e como o povo, é simples
 Nasce em qualquer mocambo, em qualquer
 [canteiro.

Mas é proibida, é condenada ... como o povo.

É condenada pelos doutores,

Certamente para proteger o povo.

(*Ri*) Hé! Hé! Hé! Hé! Proteger o povo!

Todas as drogas dos doutores

São caras, muito caras e difíceis.

Com elas só poderão sonhar os que tem muito

[dinheiro.

(*pausa*)

Esta é a Marijuana! A erva do sonho!

Com ela encontrarás o sonho que procuras.

Com elas irás sonhar; mas, cuidado!

O sonhar ofende os que não sonham.

Os que não podem sair da sua pobre, limitada

[certeza,

Os que estão encerrados na estreita verdade,

Na triste verdade dos ingênuos e ignorantes.

Ah! Os que estão na planície

E sentem a vertigem das alturas!

Ouve-se uma voz que declama o “soneto do raso” – Todo o grupo do Capitão fica paralisado durante a declamação.

Soneto do raso

Que as histórias calem, que mais não contem
 As alturas da vida: imaginárias...
 Pois tudo é chão, é linha de horizonte.
 Em campos de fronteiras arbitrárias.

E se anule o que vai subindo o monte,
 Em sombra, em luz, que são versões contrárias;
 Ontem depois, futuramente ontem,
 Presenças de passadas luminárias.

Sobre as vertentes há escuro e aurora;
 Tudo, todo o existente é fundo, e aflora ...
 Eterna flor mantida neste vaso,

Onde se confundem o dentro e o fora;
 Com o cheio, o vazio se evapora,
 E o que resta é o fundo: o fundo raso.

Durante a declamação deste soneto, no fundo da cena surge uma linha de horizonte entre céu e mar. Sobre este campo, em tons firmes e bem delineados aparecem a garrafa de Klein e uma citação de Tao-Tō-King.

O grupo do Capitão rodeia o ervanário e o boi.

Capitão Que fazes aqui?

Primeiro Mateus Que fazes aqui?

Segundo Mateus Que fazes aqui?

Catirina Que fazes aqui?

Bastião Que fazes aqui, que fazes aqui?

Ervanário Vim como chamado por um aviso.
 Havia no ar um murmúrio, uns acenos;
 Toda a natureza me indicava
 Que nela havia qualquer coisa adormecida:
 Uma paz, uma serenidade se abria e se fechava
 em tudo.
 Vim, e encontrei este boi deitado:
 – Entredormindo!

Todos (*surpresos*)

Entredormindo? Que queres dizer com isto?

Ervanário Quero dizer o que quero dizer:
 Que este boi está dormindo entre dois mundos.
 Que está morto para os homens.

Todos (*baixando as cabeças*)

Morto! Morto! Morto!

O curandeiro ergue o calão com os cestos. Trôpego, devagar, sai de cena. O grupo do Capitão se move, mudo, contornando o boi deitado sobre o monte de palha. Quando acabam de fazer a volta em torno do boi, o Capitão e seu grupo ficam formados para o cortejo de saída. Cavalo-marinho à frente, os dois Mateus, Catirina, Bastião; a que se incorporam os outros figurantes, assim como as cantadeiras e violeiros. Saem e cantam todos:

Coro geral Meu boi, meu boi, meu boi
 Morreu,
 Meu bem
 Não sei, não sei, o que
 Será
 De mim também!
 Não vai, não vai, não vai
 Chover
 Tão cedo!
 Não vai, não vai, não vai
 Descer
 Água do céu!

Repetindo este canto todos os figurantes do Bumba-meu-boi saem de cena. O boi fica estendido sobre o monte de palha. Ouve-se, de repente, longe, um ponteadado de viola, isolado, agudo, como um assobio. O boi abre os olhos, ergue lentamente a cabeça, move as patas, como para se levantar, quando o monte de palha, onde se acha deitado, começa a se erguer do chão. Acompanhando o ponteadado da viola ouve-se agora um canto assim:

Canto O boi ressurge para os seus pastores
 Para os seus primeiros e leais pastores,
 Que viram no alto rebrilhando a luz
 Da Estrela Nova que surgiu no céu
 Anunciando que nasceu Jesus.

O boi ressurge para o chão celeste,
 Para a manjedoura em Belém celeste,

Onde deitado ficará, no chão,
Ruminando a palha de antigos sonhos,
Na luz, na graça da ressurreição.

À medida que o canto prossegue, o boi, no seu monte de palha, vai subindo, e a luz vai aos poucos se extinguindo ao mesmo tempo que o canto.

Termina o Boi.